

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

WILLIAN JHONATHAN DIAS FERREIRA BARTOLOMÉ

**ASSISTO, LOGO EXISTO:
A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE LGBT NA TRAMA DO PERSONAGEM
ERIC DA SÉRIE *SEX EDUCATION*, DA NETFLIX.**

São Borja

2019

WILLIAN JHONATHAN DIAS FERREIRA BARTOLOMÉ

**ASSISTO, LOGO EXISTO:
A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE LGBT NA TRAMA DO PERSONAGEM
ERIC DA SÉRIE *SEX EDUCATION*, DA NETFLIX.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Zanini Salbego

**São Borja
2019**

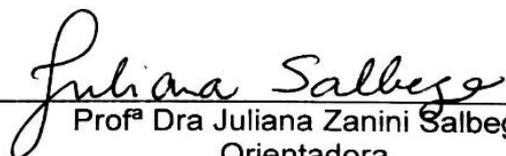
WILLIAN JHONATHAN DIAS FERREIRA BARTOLOMÉ

ASSISTO, LOGO EXISTO: A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE LGBT NA TRAMA DO PERSONAGEM ERIC DA SÉRIE *SEX EDUCATION*, DA NETFLIX.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 5 de dezembro de 2019.

Banca examinadora:



Profª Dra Juliana Zanini Salbego
Orientadora
UNIPAMPA



Profª Dra Mérli Leal Silva
UNIPAMPA



Profª Dra Fernanda Sagrilo Andres
UNIPAMPA

AGRADECIMENTOS

Existe uma fase da vida que é bem dolorosa, mas que sempre se repete, e comumente deixa machucados. Esta fase é chamada de despedida. E para mim, esta etapa é a mais intensa, e por vezes a mais épica das fases de uma relação, pois consegue ser vivida com todas as forças e sentimentos, principalmente pelo medo humano de perder algo. Entretanto, acredito que não perdemos nossos companheiros de estrada, apenas mudamos a forma de tê-los.

As pessoas que se desvinculam de nossa rota são como as medalhas que colecionamos na escola. Buscamos colocar elas em lugares que todos possam ver, e as vezes acabam ficando atrás de uma estante ou dentro de uma caixa, mas sempre que encontradas provocam um frio na barriga, uma palpitação inexplicável e uma imensa saudade dos momentos vividos. E acreditem, estou voltando pra casa com o peito apertado mas com inúmeras medalhas.

Durante toda minha extrema experiência em São Borja surgiram diversas pessoas que me fizeram um bem imensurável, e que me engrandeceram de formas que nunca poderei agradecer, entretanto, infelizmente, este trabalho precisa ter mais folhas de pesquisas do que de agradecimentos, então vou fazer algumas breves menções, lembrando que todos que lerem este texto, e que cruzaram a minha vida de certa forma, sintam-se como minhas medalhas, abraçadas com imenso afeto.

Queria iniciar estes agradecimentos agradecendo não somente os responsáveis de eu ter voado tão longe, como também os motivos de eu acordar todos os dias para ir para a universidade, a minha família. Todos que estenderam a mão e me ajudaram, minha mãe, minha tia Mírian e meu tio Valdomiro, meus avós Rosa e Wilson, meu irmão, meus tios e primos, e a mais doce das minhas razões de viver, minha pequena Vandressa. Um agradecimento especial a quatro familiares que surgiram no momento que eu mais necessitava, e inesperadamente se tornaram meus maiores anjos-da-guarda e referência de futuro, sendo eles: João Marcelo Selleiro, Janaina Ruzene, Antônio Ruzene e Ivone Ruzene.

Ainda falando de família, entretanto agora não mais da de sangue, declaro minha imensa gratidão por ser presenteado por uma família de amigos em São Borja, com as pessoas mais acolhedoras e incríveis que já conheci, então, obrigado Mirella, Willian Silva, Lucas Benett, Tainá, Eteovina, Giulia, Camila M, Eugênio, Bianca, Tifani, Nathália, Michel, Wilson, Beatriz, Deia, Cih&Gui, Carol, Gabriel, JV Moreira,

Alessandro F, Lara C, e todos os outros mais que sentaram comigo e de alguma forma me ouviram ou me aconselharam.

Um agradecimento especial a uma mulher que me engrandeceu de formas ilimitadas e que me amadureceu exponencialmente, e isto tudo sendo minha colega de sala, Carla Ernesto. Ainda falando de grandes mulheres, queria agradecer pela companhia e as conversas na cozinha, nas horas boas e principalmente nas horas ruins da guria que tanto me aguentou nos últimos 3 anos, Alessandra Freitas.

Outro agradecimento especial vai para a pessoa que me proporcionou diversos momentos, conquistas e aprendizados, inclusive o mais impagável, o de amar incondicionalmente e descobrir que o afeto não te diminui, apenas te engrandece, com quem aprendi muito sobre altruísmo e força, ao meu ex-namorado Leonardo Macedo, feat Aemonzinho. E ao que tanto me ajudou nos momentos difíceis, e que mesmo se aproximando aos poucos dentre esses 4 anos, virou um irmão pra toda vida, o garoto Leonardo Fernandes.

Gostaria também de agradecer incansavelmente todos meus docentes, que tanto me ensinaram e que tanto farão falta, João Antônio, Mérli, Renata, Denise A, Marcelo, Sara F, Gabriel, e todos mais. Um agradecimento especial a duas mulheres tão importantes na minha graduação. A primeira surgiu em minha trajetória a pouco tempo, mas já chegou chutando a porta, mostrando que vai ser levada pra vida toda, com seu enorme carisma e seus conselhos acadêmicos e de vida me encorajou a estudar o que hoje pode ser lido neste trabalho. Ela provavelmente deve estar lendo esta parte, como em todo momento, com um doce sorriso no rosto, muito obrigado por tanto Fernanda Sagrilo.

E a segunda é a grande responsável por esse trabalho me gerar tanto orgulho, uma mulher forte, imponente e grandiosa, isso tudo sem, em nenhum momento, perder a doce e suave voz. Mostrou-me tanto em seus conselhos ditos, quanto em sua trajetória de vida, que nós podemos sim escrever nosso futuro, e independente das dificuldades, sempre conseguiremos enfrenta-las, com muita gentileza e humildade. Quem me ensinou que tanques de guerra são detidos com rosas e diálogos, minha “orientadiva” Juliana Salbego.

E dentre tantas palavras e lagrimas me despeço de muitos com quem convivi, aprendi e cresci, e reforço, **NÃO OS PERDEREI, APENAS OS DEIXAREI EM MIM.**

“Nunca é alto o preço a se pagar
pelo privilégio de pertencer a si mesmo”.
Friedrich Nietzsche.

RESUMO

Este estudo busca propor discussões quanto às formas pelas quais grupos marginalizados são representados na mídia. Tomando como recorte a identidade LGBT, buscamos como objetivo geral deste trabalho compreender como é construída a representação da identidade LGBT, a partir da trama do personagem Eric, da série *Sex Education* da Netflix. Sendo assim, são propostas discussões temas como identidade, linguagem e cultura, em textos de Hall (1997) e Woodward (2000). Tratamos ainda de conceitos como corpo, grupos de centro e de margem e sua presença nos meios de comunicação, trazendo termos como heterossexualidade compulsória, heteronormatividade e pedagogias culturais, a partir de Junqueira (2015), Colling (2015), Berté & Tourinho (2014), Kotler (2017) e Campos (2013). Como percurso metodológico, trabalhamos com a análise de imagens em movimento a partir de Rose (2002), em conjunto com a determinação de três categorias de análise: figurino, atuação e diálogos. Foi possível perceber que a trama de *Sex Education* se constitui em quatro etapas, mostrando as fases da construção da identidade de um sujeito, assim como a de Eric. Concluímos também que a trama além de ser representativa enquanto conteúdo comunicacional, também ilustra a importância da representação para o fornecimento de referência identitária aos sujeitos.

Palavras-chave: Identidade; representação; LGBT; *Sex Education*; representatividade.

ABSTRACT

This study seeks to propose discussions on the ways that marginalized groups are represented in the media. Working on the image of the LGBT identity, we seek as a general objective of this work to understand how the representation of the LGBT identity is built from the plot of the character Eric, from the Netflix series Sex Education. Therefore, discussions on themes such as identity, language and culture are proposed in texts by Hall (1997) and Woodward (2000). We also address concepts such as body, center and margin groups and their presence in the communications media, bringing terms such as compulsory heterosexuality, heteronormativity and cultural pedagogies, from Junqueira (2015), Colling (2015), Berté & Tourinho (2014), Kotler (2017) and Campos (2013). As methodological approach, we worked with the analysis of moving images from Rose (2002), along with the determination of three categories of analysis: clothing, performance and dialogues. It was possible to realize that the Sex Education's plot forms itself into four stages, showing the phases of the construction of a subject's identity, as well as Eric's. We have also concluded that the plot, besides from being representative as a communicational content, also illustrates the importance of representation for providing identity reference to subjects.

Keywords: Identity; representation; LGBT; Sex education; representativeness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cena da série <i>Sex Education</i>	47
Figura 2 - Cena da série <i>Sex Education</i>	48
Figura 3 - Cena da série <i>Sex Education</i>	48
Figura 4 - Cena da série <i>Sex Education</i>	49
Figura 5 - Cena da série <i>Sex Education</i>	49
Figura 6 - Cena da série <i>Sex Education</i>	50
Figura 7 - Cena da série <i>Sex Education</i>	50
Figura 8 - Cena da série <i>Sex Education</i>	51
Figura 9 - Cena da série <i>Sex Education</i>	51
Figura 10 - Cena da série <i>Sex Education</i>	52
Figura 11 - Cena da série <i>Sex Education</i>	52
Figura 12 - Cena da série <i>Sex Education</i>	53
Figura 13 - Cena da série <i>Sex Education</i>	53
Figura 14 - Cena da série <i>Sex Education</i>	54
Figura 15 - Cena da série <i>Sex Education</i>	54
Figura 16 - Cena da série <i>Sex Education</i>	55
Figura 17 - Cena da série <i>Sex Education</i>	55
Figura 18 - Cena da série <i>Sex Education</i>	56
Figura 19 - Cena da série <i>Sex Education</i>	56
Figura 20 - Cena da série <i>Sex Education</i>	57
Figura 21 - Cena da série <i>Sex Education</i>	57
Figura 22 - Cena da série <i>Sex Education</i>	58
Figura 23 - Cena da série <i>Sex Education</i>	59
Figura 24 - Cena da série <i>Sex Education</i>	59
Figura 25 - Cena da série <i>Sex Education</i>	60
Figura 26 - Cena da série <i>Sex Education</i>	60
Figura 27 - Cena da série <i>Sex Education</i>	61
Figura 28 - Cena da série <i>Sex Education</i>	61
Figura 29 - Cena da série <i>Sex Education</i>	62
Figura 30 - Cena da série <i>Sex Education</i>	62
Figura 31 - Cena da série <i>Sex Education</i>	64
Figura 32 - Cena da série <i>Sex Education</i>	64
Figura 33 - Cena da série <i>Sex Education</i>	64

Figura 34 - Cena da série <i>Sex Education</i>	65
Figura 35 - Cena da série <i>Sex Education</i>	66
Figura 36 - Cena da série <i>Sex Education</i>	67
Figura 37 - Cena da série <i>Sex Education</i>	68
Figura 38 - Cena da série <i>Sex Education</i>	69
Figura 39 - Cena da série <i>Sex Education</i>	70
Figura 40 - Cena da série <i>Sex Education</i>	70
Figura 41 - Cena da série <i>Sex Education</i>	71
Figura 42 - Cena da série <i>Sex Education</i>	72
Figura 43 - Cena da série <i>Sex Education</i>	73
Figura 44 - Cena da série <i>Sex Education</i>	74
Figura 45 - Cena da série <i>Sex Education</i>	75

SUMÁRIO

Considerações iniciais	12
1. A identidade para além do RG	16
1.1. Representação, cultura e linguagem.....	16
1.2. Identidade e seus aspectos constitutivos.....	19
1.3. Identidade e corpo.....	23
2. Dentro do armário, mas fora da TV	27
2.1. O corpo cêntrico e a heteronormatividade.....	27
2.2. O corpo excêntrico e a discriminação.....	31
2.3. O sujeito LGBT na mídia e a representatividade.....	32
3. Aspectos teórico-metodológicos	38
3.1. Objeto de estudo: A série <i>Sex Education</i> da Netflix.....	38
3.2. Análise audiovisual - Análise de imagem em movimento.....	39
3.3. Seleção e transcrição.....	42
3.4. Decupagem do objeto de estudo.....	45
3.4.1. Cena 1: A perda.....	46
3.4.2. Cena 2: A inspiração.....	50
3.4.3. Cena 3: O Empoderamento.....	57
3.5. Análise.....	62
3.5.1. A perda.....	62
3.5.2. A inspiração.....	67
3.5.3. O empoderamento.....	71
Considerações finais	77

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde sua origem o ser humano busca significar o mundo ao seu redor, fazendo isto para se comunicar, ou ainda, para se expressar. Podemos afirmar isto elencando o homem como único ser vivo que, não somente significa, como também carece de significação para sobreviver. Significação esta que surgiu com a necessidade de comunicação entre os indivíduos.

E de diversas formas tal processo foi efetuado, seja ele por meio de desenhos nas cavernas, artes visuais, escrita, tecnologias, etc. Dentre estas, uma ganhou bastante destaque ao decorrer da história, evoluindo e criando diversas ferramentas e mecanismos ao seu redor, o cinema. E desde então, o ser humano se apaixonou pelo ato de contar histórias, sejam elas de drama, romance, aventura ou terror, as produções fílmicas passaram a participar de nossa sociedade de maneira efetiva e irrevogável.

As narrativas fílmicas surgiram buscando retratar a realidade, seja para descreve-la fielmente, ou ainda para transviá-la. A área do cinema, por sua vez, muito se desenvolveu, criando não somente novas ferramentas e tecnologias, que proporcionaram uma qualidade técnica aprimorada, mas também na forma com a qual contavam histórias. Ainda com o objetivo inicial de representar, foram criadas diversas obras ao decorrer do tempo, sendo cada vez mais fidedignas ao que reproduzem.

Entretanto, em paralelo a isto, precisamos ressaltar que tais produções eram elaboradas por pessoas com suas próprias concepções, inspirações, percepções da realidade e ideologias. Ao compreendermos isto podemos ainda inferir que tais aspectos influenciaram, e ainda influenciam as produções comunicacionais, as quais podem imprimir ideias e discursos que se desvinculam da realidade da grande massa, já que criado por um pequeno núcleo de pessoas.

Podemos ligar, por exemplo, tais afirmações, a narrativas machistas e discriminatórias, as quais capturam os princípios de homens com pensamentos preconceituosos, e aplicam sobre as representações femininas dentro de uma trama. Em contrapartida, a sociedade muito se modificou nas últimas décadas, em especial após o surgimento da internet, cuja opinião pública e as críticas cinematográficas passaram a circular mais democraticamente, e ainda, serem feitas por qualquer indivíduo com um computador e acesso à rede.

A partir disto opiniões puderam ser expostas, contraposições eclodidas e mudanças requeridas quanto aos conteúdos ali disponibilizados. Conseqüentemente,

marcas, produtoras, meios de comunicação e responsáveis por criar tais produções tiveram que se modificar a fim de atender às solicitações elencadas pelo público, dado que são estes que o consomem. A partir disto podemos ver pequenas mudanças acontecerem na última década, fazendo das produções comunicacionais cada vez mais atentas a representações que possam reproduzir preconceitos.

Vejo tal ponto como importante, sendo formando em comunicação social, e por sua vez, futuro profissional de comunicação, conseqüentemente responsável por produzir e veicular conteúdos que buscam representar pessoas e grupos identitários. Logo, ter percepções que direcionam a um olhar mais crítico aos conteúdos criados, se torna para além de um diferencial mercadológico, um aspecto que impulsiona a comunicação a se tornar socialmente consciente.

Tal ponto se acentua, a partir do momento que vemos produtos comunicacionais acomodando conteúdos que reproduzem preconceitos, não somente pelo que dizem, mas também pelo que ocultam. Estes, por sua vez, não necessariamente se apresentam manifestando dado discurso que explicita suas ideologias preconceituosas, mas podem também, reproduzir discriminações por meio da manutenção de determinada norma social. Podemos citar, por exemplo, a inserção, durante muito tempo, exclusiva de pessoas brancas em cargos de protagonismo em produções audiovisuais, eliminando conseqüentemente, a representação que insere o sujeito negro enquanto indivíduo que goza dos mesmos direitos.

Lembramos ainda a importância da representação na construção social de indivíduos pertencentes a esta sociedade, que muitas vezes buscam referência no consumo de conteúdos ficcionais, veiculados em meios de comunicação de massa, como televisão, internet, revistas, etc. A partir disto, e juntamente com a percepção de que existe a exclusão de determinados grupos identitários na mídia, se torna preocupante a pressão psicológica em sujeitos que pertençam a estes grupos marginalizados, e que tendem a ter sua concepção de pertencimento afetada. E assim que surge o questionamento, também presente no título deste trabalho: Se nas produções que buscam representar a realidade eu não me enxergo, seria eu pertencente a esta?

Tendo isto em vista, criou-se minha¹ inquietação quanto ao termo que muito se apresenta em discussões na área da comunicação, nominado representatividade. Juntamente com um ressentimento, estando no lugar de fala de um sujeito LGBT, que muitas vezes percebeu dada carência em referências identitárias, surgiu o desejo de entender não somente como se constitui a identidade, mas também, como a mesma se apresenta nos meios de comunicação.

E foi a partir desta inquietação que se iniciou uma busca por diversos possíveis objetos de estudo, que pudessem então servir para uma análise, pela perspectiva da representação LGBT. E depois de um trajeto que margeou desejos pessoais e produtos que fazem a diferença nos meios de comunicação, que nos deparamos com a série produzida pela Netflix nominada *Sex Education*, que por sua vez, representava não somente um personagem LGBT, mas também um processo de formação identitária. Logo, elencamos a série como objeto de estudo tendo assegurado a existência de elementos simbólicos que permitiriam uma análise detalhada sobre o tema escolhido.

Dito isto, partimos para um trajeto teórico que conseguisse nos guiar e nos fornecer embasamento conceitual, para que assim, juntamente com a análise, fosse possível discorrermos e discutirmos sobre a constituição de um sujeito LGBT em tramas audiovisuais. Nosso primeiro passo foi buscar textos e discussões que apresentassem conceitos sobre a representação, e ainda, que explicassem como a mesma ocorre.

E foi em textos de Stuart Hall (1997) que encontramos significações pertinentes a nosso trabalho. Foram elencados conceitos como linguagem, cultura e representação, que por sua vez, nos auxiliaram na construção teórica deste trabalho. Ao terminar carecemos de leituras e discussões que abordassem, conceitualmente, a identidade, e foi assim que encontramos em Kathryn Woodward (2000) escritas que explicam a identidade, e ainda, os aspectos constitutivos da mesma, guiando-nos à compreensão de fatores sociais nos processos de construção identitária.

A partir disso, percebemos a necessidade de entender, de alguma forma, como a identidade se materializa, e assim, encontramos em Silvana Vilodre Goellner (2003) e Guacira Lopes Louro (2003) discussões que nos fizeram compreender o corpo

¹ O uso da primeira pessoa do singular nestes últimos parágrafos introdutórios justifica-se pela necessidade em evidenciar a relação do autor com seu tema, tendo em vista a perspectiva de que uma temática de pesquisa é parte constituinte da vida do pesquisador.

enquanto instrumento que externaliza e manifesta a identidade. Neste momento compreendemos não somente como o corpo funciona para com o sujeito que nele habita, mas também, como este é educado, direcionado e significado. E a partir destas reflexões encontramos dois conceitos norteadores para este trabalho: O corpo de centro e os corpos excêntricos.

Sendo assim, para compreender a constituição de corpos de centro, buscamos em Leandro Colling (2015) e Rogério Junqueira (2015), conceitos que discorrem sobre a heterossexualidade compulsória, e ainda, sobre a heteronormatividade. Levantamos questionamentos ainda sobre a manutenção da norma heterossexual em nossa sociedade e como esta se mantém incontestável, trazendo, não somente os autores já apresentados, como também Maria Teresa de Arruda Campos (2013), Richard Miskolci (2014), Philip Kotler (2017) e Osmundo Pinho (2004).

Tendo nosso referencial teórico finalizado, partimos para a análise do nosso objeto de estudo, a série *Sex Education*, a qual optamos por nos atentar na trama do personagem Eric, que por sua vez, se apresenta como sujeito LGBT. Tendo dito isto, buscamos em sua trama, compreender como se constitui sua identidade e ainda como a mesma é representada. Para isso delimitamos um percurso metodológico baseado em Diana Rose (2002), mais precisamente em seu método “Análise de imagem em movimento” e elencamos ainda três categorias de análise, sendo elas: O figurino, a atuação e os diálogos.

Logo, tomamos como objetivo deste trabalho **compreender como é construída a representação da identidade LGBT, a partir da trama do personagem Eric, na série *Sex Education*, da Netflix**. Juntamente com este também buscamos: desenvolver um estudo teórico sobre questões relativas à identidade de gênero, sexualidade e orientação sexual voltadas à comunidade LGBT; estudar os conceitos de representação e identidade e relacioná-los a ideia de representatividade; realizar um trabalho de seleção e decupagem das cenas a serem analisadas; e analisar como ocorre a construção da representação da identidade LGBT a partir do personagem Eric.

Este trabalho foi elaborado por meio de uma necessidade gritante que vimos em estudar e analisar a representação socialmente consciente, principalmente em tempos onde perdura dada censura conservadora nos meios de comunicação e o preconceito e ódio medem forças com o afeto. Esperamos imensamente que apreciem nosso estudo, e ainda desejamos uma boa leitura.

1. A IDENTIDADE PARA ALÉM DO RG

1.1. REPRESENTAÇÃO, CULTURA E LINGUAGEM

Para que possamos entender como são construídas as tramas de personagens em audiovisuais e ainda como estas abordam a identidade devemos inicialmente compreender alguns conceitos que conseguem explicar o que são estas representações e como surgem. Para isto utilizaremos alguns conceitos de Stuart Hall que estuda a representação, sua formação e seu funcionamento.

Neste sentido, podemos adentrar em três conceitos de Stuart Hall (1997) comentada por Santi (2008), sendo eles: **Linguagem**, **cultura** e **representação**. No conceito de representação, Hall entende que no mundo material existem elementos (Objetos, pessoas e eventos) que não trazem consigo uma significação preestabelecida, sendo então puros de significados. Entretanto, tendo como fim a socialização e conseqüentemente a comunicação entre os sujeitos, desenvolveu-se uma ferramenta que tinha como utilidade a significação destes elementos, fazendo com que fosse possível sua identificação. Tal ferramenta foi denominada de **linguagem**, que segundo o autor, são os sistemas de representação.

Lembramos neste ponto que quando o autor traz a linguagem para discussão, ele não a entende somente como alfabetos ou línguas criadas por civilizações para se comunicar verbalmente, mas também uma grande gama de ferramentas que possibilitam aos sujeitos a capacidade de se expressar, seja por meio da escrita, de comportamentos, de atividades artísticas, dentre outras. É importante elencar isto pois precisamos entender que a linguagem, enquanto facilitadora da representação, pode se apresentar de diferentes formas, principalmente acompanhando as evoluções das novas tecnologias possibilitadas pela globalização. Podemos elencar como exemplos: as produções audiovisuais; as redes sociais; os discursos digitais; e os conteúdos de entretenimento, os quais nos atentamos neste trabalho.

Entendemos então o início da representação, sendo, de forma sucinta, a significação de elementos antes não significados, a fim de facilitar a comunicação entre os sujeitos. Afirmando isto, trazemos o conceito de representação de Hall (1997) comentado por Santi (2008), sendo “a ação de apresentar um significado a algo, por meio da linguagem, negociando sempre com o receptor da mensagem, ou seja, é produzir em comum acordo significados a signos”.

Apropriados então dos conceitos anteriormente ditos, e reforçando que a linguagem, desde sua criação, produz e reproduz significados a fim de um comum entendimento, elencamos também a importância de outro fator histórico, que por sua vez, altera a forma de significar, sendo este, o surgimento da imagem em movimento, que posteriormente se transformaria no audiovisual. Se faz importante entender tal fato, pois percebemos que além de sua utilidade para fim de entretenimento, os produtos audiovisuais trazem consigo uma grande importância sociocultural, uma vez que podem, em forma de linguagem, criar valores, ideias e até mesmo percepções sobre a realidade. Logo, podemos enxergar uma ligação da linguagem com a formação e manutenção da cultura, fazendo-se necessário mais uma conceituação para nos nortear.

Para esta próxima etapa, precisamos entender o último dos 3 conceitos elencados de Hall, a cultura. Tal conceito será norteador em nosso trabalho, pois muito se vincula a construção do senso comum, e conseqüentemente a alimentação de preconceitos ideológicos da sociedade. Sendo assim, apresentamos na concepção de Hall (1997) comentado por Santi (2008), a consideração da cultura enquanto conjunto de valores ou significados partilhados. Logo, entendemos que a cultura é uma consequência das significações geradas pela linguagem. Segundo o autor:

O significado só acontece em função de convenções associadas à linguagem que, por sua vez, funciona como sistema de codificação do mundo, reconhecido e aceito comunitariamente por cada cultura segundo suas especificidades. Ou seja, como enfatiza o autor, o significado é produzido pela prática, pelo trabalho da representação. (p. 6)

Neste sentido, podemos entender que a linguagem não consegue sozinha sustentar a representação, pois já que no mundo material nada vem com um significado pré-estabelecido, e ainda, os responsáveis por estas significações são sujeitos sociais, a cultura se apresenta como um fator decisório no processo de representação. Podemos exemplificar isto com as diferentes denominações que recebem dados elementos em diferentes estados de um mesmo país, como por exemplo o Brasil, que conta com uma língua comum falada em todos seus estados, a portuguesa, entretanto a forma como a qual determinados itens são significados é diferente. Neste caso então, podemos encontrar uma mesma fruta que na região sul é chamada de bergamota, na sudeste de tangerina e na nordeste de mexerica.

Logo podemos entender a grande influência da cultura na produção de sentido, conseqüentemente, na representação. Sendo assim, podemos tratar a significação como um processo mutável e inconstante, que pode ser alterado, e assim como foi significado, ser ressignificado, de acordo com a evolução da sociedade e de sua cultura. Neste momento, apoiados nos conceitos apresentados, podemos entender a representação, não apenas como fruto das interações sociais, mais ainda, como uma reguladora destas, onde quando tratada como sólida e imutável, pode ser elencada como verdade, e não como produto criado por sujeitos sociais.

Dito isto, e trazendo a linguagem como uma ampla possibilidade de formatos, como o audiovisual, podemos perceber que ao consumirmos narrativas audiovisuais como filmes e séries, estamos não apenas assistindo uma representação da realidade criada para entretenimento, mas também criando nossa própria percepção e representação da realidade, fazendo com que nossas perspectivas quanto ao real sejam por vezes modificadas e recriadas por meio do consumo audiovisual. Se assim dito, poderíamos então por meios de produções fílmicas e outros conteúdos que trabalham com a reprodução fidedigna da realidade alterar práticas sociais a fim de minimizar frustrações criadas por preconceitos antes injetados em nossa sociedade?

Esta pergunta se faz pertinente a partir do momento que nos debruçamos para analisar as frequentes ondas de discurso de ódio e de movimentos conservadores que se apoiam em preconceitos, que muitas vezes se direcionam para minorias representativas², gerando conflitos psicológicos, emocionais e ainda físicos. Como foi o caso dos movimentos neonazistas³ ocorridos no ano de 2017 nos estados unidos, e que desde então impulsiona outros movimentos conservadores e intolerantes.

Finalizamos esta etapa ainda com Stuart Hall (1997) comentado por Santi (2008), que elenca a representação e a cultura como reguladores de práticas sociais introduzindo nossa próxima etapa e conceito: A identidade. Segundo o autor, “os significados culturais não estão na cabeça, têm efeitos reais e regulam práticas sociais. O reconhecimento do significado faz parte do senso de nossa própria identidade, através da sensação de pertencimento”.(p. 2).

² Entendemos neste momento minorias não ligadas a quantidade, mas sim referente a sua presença nos meios de comunicação e de sua imagem perante a sociedade, que atualmente, muito se liga a direcionamentos pejorativos.

³ “...centenas de simpatizantes neonazistas, acompanhados de homens portando fuzis e tochas acesas e gritando frases racistas, marcharam pelas ruas de Charlottesville...”. Conteúdo completo em: <https://exame.abril.com.br/mundo/um-ano-apos-protesto-violento-neonazistas-marcharao-ate-a-casa-branca/> (Acesso em 23 de agosto de 2019)

1.2. IDENTIDADE E SEUS ASPECTOS CONSTITUTIVOS

Precisamos então, neste momento, entender conceitualmente como se constrói a identidade, já que, enquanto formação social, se faz complexa e multifacetada. Para isto iremos nos basear em conceitos apresentados por Kathryn Woodward (2000), através do livro “Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais” organizado e traduzido por Tomaz Tadeu Silva.

Woodward (2000) elenca algumas óticas constitutivas que formam o conceito de identidade, entretanto, para este trabalho, escolhemos as cinco que consideramos mais pertinentes e que são indispensáveis enquanto discutimos identidade, sendo elas: a **diferença**, a **descendência histórica**, o **simbolismo**, as **condições sociais e materiais** e a **coexistência de aspectos identitários** em um sujeito.

Trazemos então a primeira perspectiva, que por sua vez entende que a base da identidade é a diferença. Woodward (2000) conclui que para existir determinada identidade é necessário a existência de outra que a contraponha, trazendo singularidades e características que sejam diferentes da inicial. Esta diferença pode se encontrar em diferentes aspectos, como por exemplo na coloração da pele, na sexualidade, nos comportamentos, nas opiniões, dentre outras diversas relatividades que se encontram na formação social de um sujeito.

Em paralelo a isto, a identidade, além de se apresentar como ferramenta de identificação, pode servir também, em determinados momentos, como apontadora de diferenças. Woodward (2000) traz em seu texto, para exemplificar, um caso onde uma comunidade, que anteriormente vivia em conjunto, entra em estado de guerra, tomando como fatores motivadores a esta dada rivalidade histórica e diferenças simbólicas em seus comportamentos. Neste caso em específico, podemos observar a identidade não somente como gestora do entendimento do “EU” enquanto sujeito, mas também, do “outro” enquanto meu opositor. Logo, podemos entender que a identidade não apenas surge da diferença, mas também serve para distinguir e delimitar grupos identitários.

Ao partirmos para a segunda ótica, nos deparamos com a influência da descendência genética e histórica na formação identitária, pois tendemos a fazer um resgate de raízes familiares em nosso processo de formação social, muitas vezes incentivado e fomentado nos primeiros anos do ensino básico, a fim de entendermos de onde viemos. Ao fazermos isto nos deparamos com histórias, raças, etnias e traços genéticos que vieram há séculos e que fazem parte da nossa construção, seja ela

biológica ou social. Entretanto, precisamos entender também que passamos por acontecimentos históricos que moldaram a forma com a qual determinadas descendências são vistas, existindo então uma hierarquização de descendências baseada, por exemplo, no eurocentrismo. Isto pode ser percebido, por vezes, em discussões em que sujeitos apontam suas descendências, onde ser originário de ancestrais europeus é algo visto socialmente como superior e em contrapartida, ter ancestrais africanos ou indígenas é enxergado de forma menos privilegiada e por vezes pejorativa.

Podemos elencar neste momento a importância das duas óticas já citadas não apenas para a formação conceitual da identidade, mas ainda para entendermos alguns momentos históricos de nossa sociedade, onde a desaproximação causada pela diferença se fez presente tomando como base a descendência histórica. Podemos citar como exemplo o Apartheid, que ocorreu nos Estados Unidos segregando pessoas por suas cores de pele, conseqüentemente tomando suas diferenças e descendências como base para violências desumanas e imperdoáveis. Poderíamos ainda abrir diversas discussões a fim de entender como tal tipo de discriminação era aceita socialmente na época, mas já que não é o objetivo deste trabalho, podemos apenas supor que o ato de considerar o outro diferente, e ainda como “não pertencente” a identidade dada como superior, seria um fator que influenciou o comodismo dos sujeitos brancos mediante a tanta desumanidade.

A terceira ótica, é dada pelo simbolismo, e entende que a diferenciação gerada pelas identidades são marcadas e afirmadas por meios de símbolos, sejam eles comportamentais, de classe, de consumo, biológicos, dentre outros. Segundo Woodward (2000):

A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades (na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, os sistemas representacionais que marcam a diferença podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados). (p.13).

Logo, ao escolher seguir determinado tipo de comportamento ou consumir determinado produto, o sujeito está construindo a sua identidade a partir desta decisão. Neste momento percebemos que a identidade não é sólida e imutável, logo não está apenas em nossos traços genéticos ou em nossas descendências históricas, mas pode ainda se encontrar em escolhas que fazemos no cotidiano, afirmando que

a mesma não se faz impressa em nosso nascimento, mas sim, adquirida em nossas relações com o mundo.

Partindo disto, podemos elencar como possível forma de expressão identitária o consumo, que muito é estudado pelo campo da comunicação social, em específico ao campo que se refere a publicidade e propaganda. A partir do momento que elencamos o consumo como potencial ferramenta que possibilita a externalização da identidade, e também pontuamos que a publicidade cria aspectos simbólicos a todo momento, podemos então afirmar que profissionais da comunicação são produtores de sentidos que influenciam diretamente na formação identitária de sujeitos.

Consideramos importante citar que não cremos que a comunicação molda identidades de forma absoluta e doutrinária. Podemos afirmar isto com pensamentos do início deste capítulo, de Stuart Hall (1997) por Santi (2008), que entende que o processo de representação não acontece de forma linear e sólida, produzindo verdades no imaginário do sujeito, pois para que a mensagem seja entendida e validada, há uma negociação de significados, fazendo com que o que cada sujeito compreenda seja individual e relativo.

Tendo como base o consumo como forma de construção da identidade, partimos para a quarta ótica, que elenca as condições sociais e materiais do sujeito enquanto aspecto constituinte da identidade. Como já dito anteriormente, o consumo é um fator paralelo aos sujeitos, mas que se apresenta como potencial influenciador nas formações identitárias, conseqüentemente a possibilidade de consumo também ganha destaque na discussão da formação da identidade, pois ao mesmo tempo que privilegiam determinadas classes sociais, excluem outras.

Entendendo que a identidade é simbólica, e pode ser externa e materializada em dado produto, podemos então elencar como relevante as condições financeiras dos sujeitos, onde só é contemplado quem pode dispor de dado valor monetário. Sendo assim, como já apresentado anteriormente, entendemos que certos aspectos das identidades podem ser comercializados e consumidos.

Podemos elencar neste momento a produção e representação de aspectos identitários pela comunicação, que para a comercialização de determinado produto a mesma produz valores intangíveis aos consumidores, que por sua vez os vestem ao consumir. Trazemos como exemplo a Prada, que carrega em sua marca valores ligados ao poder financeiro e luxo, fazendo com que seus consumidores, ao comprar seus produtos, vistam também tais identidades associadas à marca.

Reforçamos então que o consumo não é apenas efetuado em seu âmbito material, como quando vamos ao mercado e compramos um produto, mas também em seu âmbito simbólico, fazendo com que o consumidor se aproprie dos valores da marca. Tomamos como exemplo a marca Harley Davidson, que comercializa produtos de alto investimento, e que pode ser consumida por meio da compra de uma moto da marca, ou ainda, com a utilização de uma camiseta ou bandana com a marca, buscando trajar crenças sobre a própria, mesmo sem comprar diretamente um de seus produtos.

Ainda reforçando que o consumo não está exclusivamente vinculado à compra material, trazemos o exemplo dos produtos comunicacionais, os quais por vezes não, precisamos comprá-los para tê-los. Uma propaganda, um vídeo no Youtube, um filme que assistimos em ambientes públicos e gratuitos são exemplos de consumos que não dispomos de valor financeiro para adquiri-los. Logo, podemos inferir que se você assiste, ouve ou lê determinado conteúdo, você está o consumindo.

E como quinta e última ótica, trazemos, baseado em Woodward (2000), a possibilidade de **pluralidade de aspectos constituintes da identidade** em determinado sujeito. Como já apresentamos, existem uma pluralidade de aspectos constitutivos e formadores da identidade, e a quinta ótica que elencamos como relevante na formação identitária é a coexistência destes aspectos. Tal perspectiva entende ainda que um constituinte identitário não desvalida nem diminui a importância do outro, pelo contrário, eles se complementam, tornando-se um emaranhado único em cada sujeito e identidade.

Por exemplo, dentro de um mesmo sujeito pode haver posicionamentos identitários **sociais**, de ordem da **descendência**, limitado a sua **condição material** e ainda possibilitando-o utilizar através do **consumo** formas de se identificar com determinado grupo identitário. Tal exemplo ilustra a não existência de sobreposição de pontos formadores da identidade, mas sim sua complexização.

É interessante entender isto, pois percebemos a alta mutabilidade da identidade de um sujeito e as múltiplas influências a que ela está exposta. A partir do momento que entendemos a identidade como construída e possibilitada por meio do consumo, que percebemos, como dito anteriormente, que os produtos de entretenimento, como filmes e séries, que trabalham com frequentes representações, podem influenciar na formação social e identitária dos sujeitos que a consomem.

Tendo isto apresentado, podemos partir ao conceito de identidade, que é o que completa aquilo que somos e as formas pelas quais nos relacionamos com o mundo exterior. De acordo com Hall, a identidade é o que nos permite nos relacionarmos com os grupos sociais.

A identidade é formada na 'interação' entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é 'eu real', mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais 'exteriores' e as identidades que estes mundos oferecem" (HALL *apud* SANTI, 2008, p.11).

Sendo assim, buscamos ainda algum objeto que pudesse nos auxiliar a compreender não somente a formação da identidade, mas ainda a sua externalização. Dado nosso objeto de estudo e o objetivo deste trabalho, se fez pertinente estudar o corpo enquanto mecanismo de expressão da identidade.

1.3. IDENTIDADE E CORPO

Assim como já vimos anteriormente, existem múltiplas formas de construção da identidade, mas já que desejamos encontrar a identidade na representação, precisamos entender como esta se externaliza ao sujeito. Existe uma gama de elementos que podem ser dados como objetos de externalização da identidade, como a escrita, o posicionamento político, as artes, o consumo, etc. Entretanto existe um que se torna mais pertinente para este estudo, pois trabalha com o simbolismo de forma muito direta, e está presente com o indivíduo a todo momento: **o corpo**.

Precisamos entender inicialmente, onde queremos chegar trazendo a discussão sobre o corpo e qual sua importância para este trabalho. O ser humano, há eras, buscou criar formas de se comunicar, se identificar e se expressar, derivado disso surgiram várias ferramentas que o permitiam fazê-lo, como a escrita, as artes, o trabalho, dentre outros.

Dentre estas se encontra o corpo, que desde o início dos tempos marca espaço na construção da sociedade como um todo. Em tribos indígenas, por exemplo, determinadas pinturas pelo corpo findam no sujeito dado poder hierárquico na aldeia.

O corpo também sempre participou das discussões sobre o belo e não-belo, sendo muitas vezes alvos de classificações, que por ora, ter determinado formato o fazia atraente, e por outra, não mais. No renascimento por exemplo, ter um maior nível de gordura corporal era compreendido como esteticamente belo, já nos dias atuais, tal modelo de corpo não é socialmente aceito como atraente, e ainda se torna fator de discriminação. Segundo Goellner (2003)

... o corpo é histórico. Isto é, mais do que um dado natural cuja materialidade dos presentifica no mundo, o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. (p. 30)

Com o passar do tempo, a tecnologia foi fornecendo à sociedade diversas outras formas de expressão, principalmente com o surgimento da internet, e em paralelo a isto, o uso do corpo como forma de manifestação da identidade, se acentuou. Isto pode ser analisado pela perspectiva do surgimento das redes sociais, que têm muitas vezes como objetivo a interação entre sujeitos e ainda a representação destes mesmos aos “outros”, que ali se encontram

A autora Silvana Vilodre Goellner (2003), juntamente com uma contextualização histórica, problematiza em seu trabalho a discussão quanto à transformação do corpo. Ela relata que o mesmo passou de algo que anteriormente era visto apenas em seu âmbito biológico, reprimindo traços díspares do padrão, para uma nova ferramenta de pronúncia da identidade. A autora traz como principal razão para tal transformação, além da liberdade de expressão e acesso adquirido nas últimas décadas, o surgimento de produtos que estimulam nosso corpo à determinada performance, como suplementos, implantes, vitaminas, estimulantes, etc. Estes por sua vez moldaram a forma com a qual a nossa sociedade atual vê o próprio corpo e de outrem.

Desta forma, precisamos entender também que a partir do momento em que o corpo se transformou em um *locus*⁴ de expressão identitária, surgiu também uma hierarquização de traços identitários, como formato do corpo, vestimentas, comportamento, cor, que criou aspectos de classificação que definiam determinado sujeito como portador de beleza. Podemos ainda ligar tal fato a uma das características constituintes da formação da identidade, a diferença, conforme apresentado anteriormente.

Logo, percebemos também que a expressão da identidade é feita de forma que por vezes ressalta singularidades e por vezes reforça preconceitos fazendo com que os que não se encaixam, sejam marginalizados. Tais preconceitos podem advir de diversos fatores, sejam eles sociais, históricos, políticos, etc.

⁴ “palavra do latim, que significa literalmente “lugar”, “posição” ou “local”.” - significados.com.br/locus/. Acesso em 6 de setembro de 2019.

Podemos reforçar isto, analisando pelo aspecto da educação do gesto, ou do corpo, apresentado por Goellner (2003), que prezando pela produtividade dos indivíduos, criou-se uma gama de ferramentas que educam os corpos à comportamentos específicos. A autora ainda explica que tal ação fez com que fosse criados e fortalecidos moldes do que é ser homem ou mulher tendo como argumento a saúde do sujeito. Segundo Goellner (2003):

Em nome da saúde e do bem-estar do indivíduo, o corpo passou a ser alvo de diferentes métodos disciplinares, entendidos como um conjunto de saberes e poderes que investiram no corpo e nele se instauraram. (p. 37)

Tendo esta ambientação da utilização do corpo para expressar-se e todas suas variáveis, trazemos Guacira Lopes Louro (2003), que em seu texto “O normal, o diferente e o excêntrico”, publicado no livro “Corpo, gênero e sexualidade”, levanta a discussão sobre o padrão identitário nos processos pedagógicos, advindo de um trajeto histórico cultural. A autora compreende que durante toda a formação da sociedade fora construído duas categorizações de corpos, sendo eles os nomeados como “centro”, que seriam por sua vez os que são dados como normais e socialmente aceitos, e os que são díspares a estes, os excêntricos.

O centro é composto por um sujeito que é caracterizado como homem, branco, ocidental, heterossexual e de classe média. Tal afirmação é de extrema importância para a construção do raciocínio deste trabalho, principalmente ao que compete na formação dos padrões sociais de identidade. Segundo Louro (2003):

A posição central é considerada a posição não problemática; todas as outras posições de sujeito estão de algum modo ligadas - e subordinadas - a ela. Tudo ganha sentido no interior desta lógica que estabelece o centro e o excêntrico; ou, se quisermos dizer de outro modo, o centro e suas margens. (p. 46)

Os grupos de margem, que por sua vez se caracterizam com elementos de diferença, seja de sexo, gênero, sexualidade, raça ou etnia, contrapõem às características do centro, estando por sua vez fora das definições de padrão, sendo denominados pela autora como “excêntricos”. Podemos então pressupor que os grupos de margem são constituídos pelos que hoje conhecemos como grupos marginalizados, sendo compostos por mulheres, negros(as), pessoas LGBTs, de classe baixa, etc. Reforçando isto trazemos Louro (2003):

Ao conceito de centro vinculam-se, frequentemente, noções de universalidade, de unidade e de estabilidade. Os sujeitos e práticas culturais que não ocupam este lugar

recebem as marcas da particularidade, da diversidade e da instabilidade. (p. 46)

A partir disto podemos concluir ainda que tais grupos seriam os que não se encaixam nos moldes pré-estabelecidos de beleza, fazendo com que a identidade dos mesmos fossem excluídas de espaços de representação, como por exemplo os meios de comunicação e produtos audiovisuais. Isto poderia ainda afetar diretamente no senso de pertencimento dos sujeitos de tal grupo, tendo em vista que se eles não estão ali inseridos, logo ali não pertencem.

Para além disso podemos ainda nos perguntar: O que estes pressupostos podem gerar de normatizações em nossa sociedade? E foi dado a esta questão que partimos para leituras que nos auxiliasse a compreender a construção da chamada heteronormatividade, suas características e possíveis consequências.

2. DENTRO DO ARMÁRIO, MAS FORA DA TV

2.1. O CORPO CÊNTRICO E A HETERONORMATIVIDADE

Compreendido que o corpo é uma forma de manifestação da identidade, que por sua vez é classificado e hierarquizado socialmente, partimos para entender como tais hierarquizações tendem a criar ferramentas reguladoras e normatizadoras de identidades. Partindo então do que Louro (2003) classifica como grupo de centro, buscamos, neste momento, entender como tal sujeito se instaura, e ainda como o mesmo permanece nesta posição.

Traremos então ao decorrer do texto dois conceitos norteadores para compreender a construção da representação LGBT, sendo eles a heterossexualidade compulsória e a heteronormatividade. Miskolci (2014) reforça a importância de tais termos para a compreensão de estudos sobre gênero e sexualidade:

Termos como “heteronormatividade” e “heterossexualíssimo” e noções como a de uma epistemologia do armário e a de uma matriz heterossexual alargaram nossa compreensão da sexualidade e do gênero, suas articulações, assim como suas relações com outras diferenças e desigualdades. (p. 34)

Iremos nos nortear por duas categorias do grupo de centro, dadas por Louro (2003), para assim direcionar nosso raciocínio, sendo elas: O homem, que por sua vez é possuinte de características voltadas à masculinidade; e o heterossexual, sendo não somente atraído pelo sexo oposto como ainda repudiador de outros tipos de demonstrações de afeto.

Trazendo os princípios dos estudos de gênero, tendo como argumentos as ciências naturais voltadas ao sexo de nascimento do sujeito, diversas pesquisas buscam entender como são construídas as identidades/gêneros díspares do padrão, tendo como base a genitália masculina ou feminina. O que pouco se discutia nestes estudos era a compreensão de que toda significação, seja do sujeito homem, ou mulher, é social e construída.

Como já argumenta Hall (1997) comentado por Santi (2008), a representação das coisas não surge impressas nelas, mas sim, é dada por meio da linguagem, para facilitação de comunicação. Mas poderíamos nós, impor a outro sujeito racional e constituinte de suas próprias variáveis, moldes imutáveis e irrevogáveis sobre sua identidade? E se a resposta ainda for sim, não estaríamos criando um ciclo de personalidades padrões, dispensando a individualidade de cada indivíduo?

Tais questionamentos nos impulsionam a entender como se constitui a heteronormatividade, que parte de características da heterossexualidade para a criação de moldes para homens e mulheres. Para a compreensão do termo, precisamos inicialmente entender outro conceito, denominado de heterossexualidade compulsória.

Para isto recorremos a Leandro Colling (2015), que em seu texto “O que perdemos com os preconceitos”, publicado no dossiê “Ditadura heteronormativa” discute sobre a normalização da heterossexualidade e de como esta se instaura. Segundo o autor, a heterossexualidade passa de algo individual do sujeito, para uma norma social que deve ser seguida, exigindo por sua vez que todos indivíduos sejam heterossexuais:

A heterossexualidade compulsória consiste na exigência de que todos os sujeitos sejam heterossexuais, isto é, se apresenta como única forma considerada normal de vivência da sexualidade. Essa ordem social/sexual se estrutura através do dualismo heterossexualidade versus homossexualidade, sendo que a heterossexualidade é naturalizada e se torna compulsória. (p. 24)

Tal comportamento visa, como já apresentado, que a natureza criou duas categorias de sujeitos, o macho e a fêmea, com respectivos papéis reprodutivos. Louro (2003) reforça isto em seu texto, onde discorre sobre o direcionamento que ocorre em sujeitos tendo como base suas genitália:

Na medida que se questiona a normatividade do gênero e da sexualidade se põe em xeque algo que pode ser visto como um dos “pilares” do modo como pensamos e vivemos. A lógica binária que define os sujeitos como macho ou fêmea também implica que os gêneros serão dois e que a sexualidade deve ser exercida com alguém do sexo/gênero oposto. (p. 37)

Entretanto, ao questionarmos isto, podemos concluir também que por meio da racionalização, o ser humano criou, dentre estes parâmetros, outras significações, como por exemplo o sexo sem fins reprodutivos, o afeto, a erotização, etc. Entretanto ainda muito se encontra, em nossa sociedade, argumentos e discursos que se voltam para a biologia ou para a reprodução sexual.

Tal norma cria também determinada noção de correto e incorreto, colocando como base a heterossexualidade. Junqueira (2015) diz que ao se constituir tal ferramenta normalizadora, cria-se também noções de normais e anormais:

A normalização se conjuga a processos de hierarquização e marginalização, implicando todos os sujeitos. Normais e anormais estão ambos situados no interior do critério que estabelece a sua separação: a norma. (p. 39)

Partindo da heterossexualidade compulsória, que por sua vez já se constitui como um instrumento de normalização, começamos a entender outra teoria que também busca reforçar um padrão. Esta é a heteronormatividade, que muito mais se liga à identidade do que ao direcionamento sexual do indivíduo, dado que sua base se instaura no ser homem ou ser mulher.

Colling (2015) apresenta o termo como um molde de comportamentos embasados na genitália, ou seja, no sexo de nascimento. O autor ainda reforça que a heteronormatividade perpassa a heterossexualidade, pois indiferente da sua sexualidade, deve agir mediante aos moldes heterossexuais, direcionando-se aos comportamentos. Segundo Colling (2015):

Enquanto na heterossexualidade compulsória todas as pessoas devem ser heterossexuais para serem consideradas normais, na heteronormatividade todas devem organizar suas vidas conforme o modelo heterossexual, tenham elas práticas sexuais heterossexuais ou não. Com isso entendemos que a heterossexualidade não é apenas uma orientação sexual, mas um modelo político que organiza as nossas vidas. (p. 24)

Neste momento o autor afirma que a heteronormatividade cria não somente padrões que devem ser seguidos pela sociedade, como também as proibições, ou ainda, as rupturas deste padrão. Podemos ligar isto ao que Louro (2003) traz ao dizer sobre o grupo de centro e o grupo de margem, neste caso, aplicando a sexualidade e a representação dela.

Compreendendo então a criação de uma divisão, entre o certo e o errado, caracterizado aqui entre quem se encaixa ou não na heteronormatividade, trazemos a diferença, que já vimos na formação da identidade, como definidor de barreiras. Tal divisão pode ainda gerar conflitos, colocando em confronto heterossexualidade *versus* homossexualidade.

Precisamos também discutir sobre o surgimento e a reprodução desta ferramenta normalizadora, que segundo Junqueira (2015) origina-se na formação educacional do sujeito, em estruturas de ensino que apenas reforçam tais preconceitos. Segundo o autor:

E não por acaso, o heterossexismo e homofobia instauram na escola um regime de controle e vigilância da conduta sexual, do gênero e das identidades raciais. Heterossexismo e homofobia são manifestações de sexismo associadas a diversos regimes e arsenais normativos, normalizadores e estruturantes de corpos, sujeitos, identidades, hierarquias e instituições (p. 39).

Instaurada no ensino, logo atingindo o sujeito desde seus primeiros contatos com a educação e sociedade, cria-se, de forma por vezes imperceptível e invisível, uma noção de norma que se enraíza no sujeito como uma verdade incontestável. Podemos a partir de Junqueira (2015) perceber tal inserção discreta como uma das principais, e mais potentes, armas que a heteronormatividade utiliza para se instaurar como norma:

Esta, para poder operar, deve ser naturalizada e tornar-se imperceptível. Suas verdades devem ser evidentes, inquestionáveis; e suas determinações, não percebidas como obrigatórias. (p.39)

A heteronormatividade é um fator que assombra grupos excêntricos e sujeitos LGBTs, assim como apresentaremos posteriormente. Entretanto tal violência não é exclusivamente direcionada a estes grupos identitários, podendo ainda ser cometido contra pessoas heterossexuais. Pinho (2004) discorre sobre quanto danoso se torna o machismo, que neste caso cruzamos com a heteronormatividade, contra o próprio homem, o impondo uma série de fatores comportamentais para findar suas masculinidades, o que por sua vez atingem outros indivíduos, mas também o próprio sujeito. Segundo o autor:

A violência masculina contra a mulher é brutal e covarde. Mas a violência entre os homens tem as proporções de um cataclismo mítico de sexo, gênero e raça. A homofobia, a sexualidade predatória, o gosto pela violência e pelo risco não precisam marcar para sempre os mundos masculinos. (p. 6)

Elencamos ainda que tais “verdades” heteronormativas são naturalizadas juntamente com as violências inferidas aos grupos de margem, mesmo dentro de instituições de ensino, que por sua vez não criam ferramentas que combatem tal discriminação, normatizando-as. Isto pode ser visto ainda na série a qual este trabalho se direciona, a *Sex Education*, que por sua vez passa-se dentro de um colegial, ambiente o qual se criam as primeiras percepções sobre sexualidade, diferença, relacionamentos, etc.

Compreendido o fixado socialmente como normal, partindo da ótica da heteronormatividade, passamos para a discussão quanto ao que tais fatores podem influenciar na vida dos que são dados como excêntricos, segundo Louro (2003). Faremos isto em articulação com textos de Colling (2015), Campos (2013) e Junqueira (2015).

2.2. O CORPO EXCÊNTRICO E A DISCRIMINAÇÃO

Como já comentamos, é dada a diferenciação ocasionada pela heteronormatividade e pela heterossexualidade compulsória que surgem os confrontos entre heterossexualidade e sujeitos LGBTs. Uma das principais materializações desse confronto é a homofobia⁵, que transforma os preconceitos em uma gama de violências, sejam elas físicas, psicológicas, morais, discursivas, etc.

Lembramos também que assim como a heteronormatividade, a homofobia é um tipo de violência direcionada a pessoas LGBTs, entretanto pode atingir outros sujeitos que não se encaixam em tal grupo. Como exemplo pessoas heterossexuais que em dado momento possa aparentar se desvincular da norma. Segundo Colling (2015):

A homofobia não se restringe apenas às violências físicas, mas também às variadas violências simbólicas. E ela também pode atingir os heterossexuais que, porventura, pareçam aos olhos homofóbicos como homossexuais (p. 23).

Neste momento então podemos entender o princípio da homofobia, que carrega como critério de discriminação a diferença entre o normal, que no âmbito da heteronormatividade seria o homem masculino heterossexual ou a mulher feminina heterossexual, e o anormal, sendo os díspares a estes. Segundo Colling (2015):

na heteronormatividade elas tornam-se coerentes desde que se identifiquem com a heterossexualidade como modelo, isto é, mantenham a linearidade entre sexo e gênero: as pessoas com genitália masculina devem se comportar como machos, másculos, e as com genitália feminina devem ser femininas, delicadas. (p. 25)

Trazemos como exemplo o caso ocorrido neste ano (2019) na Sérvia do homem (Ilija Vučević) que estava segurando a bolsa de sua esposa enquanto levava seu cachorro para passear, e foi confrontado por dois indivíduos que o insultaram e depois o agrediram fisicamente. Segundo a reportagem do Blog Põe na Roda⁶, os agressores imaginaram que Ilija fosse gay dado a bolsa que carregava.

Podemos ver, tomando este caso como exemplo, como tal disparidade da norma é recebida socialmente, onde além da não aceitação, há também certa perseguição e manifestações de violência. Evidenciamos ainda que, mesmo com as grandes diferenças culturais entre ocidente e oriente, a violência contra os que não se

⁵ Atos de violência inferidos contra sujeitos LGBTs. Tais violências podem ser materializadas de diversas formas, como fisicamente, verbalmente, psicologicamente, moralmente, etc.

⁶ Conteúdo completo em: <https://poenaroda.com.br/diversidade/homem-que-carregava-a-bolsa-da-esposa-e-confundido-com-gay-e-espancado-na-servia/>. Acesso em 13 de novembro de 2019.

enquadram nas normas é algo comum, mesmo que se manifestem de maneiras diferentes em cada uma destas culturas. Tal atitude pode ser compreendida como sintoma de uma crença que reforça a superioridade heteronormativa, e ainda a inferioridade de pessoas LGBTs, que por sua vez devem se submeter aos que se encaixam a norma.

Lembramos também, como já comentamos, que as violências podem ocorrer de forma discursiva/simbólica. Isto é elencado por Colling (2015) que põe em contestação o trajeto histórico das pesquisas sobre gênero, que por sua vez buscavam, na formação do sujeito LGBT, causas para tal disparidade, elencando discursivamente dada patologia na constituição do mesmo. O autor ainda discorre sobre a importância da compreensão social para combater tal preconceito:

Para não incorrer nesse erro conceitual e político, teríamos que substituir a questão de uma causa da sexualidade para problematizar que mecanismos tornam alguns sujeitos aceitáveis, normalizados, coerentes, inteligíveis e outros desajustados, abjetos. (p. 24)

Para além da discriminação evidente, normalmente apresentada na homofobia, os grupos marginalizados, ou como define Louro (2003), os grupos de margem sofrem frequentemente com a representação. Dado que todo sujeito, ao construir sua identidade, carece de inspirações e referências para seguir. Entretanto em uma sociedade dominada pela heteronormatividade, os sujeitos LGBTs, por exemplo, encontram-se por vezes, sem orientação quanto a sua construção identitária.

Percebemos então neste momento que existe evidentemente em nossa sociedade uma construção formada sobre o sujeito LGBT, e ainda o quão o discurso e a representação são importantes na formação e reprodução desta imagem. Partindo disto passamos para discussões que colocam em pauta a comunicação como órgão regulador de representações e ainda o questionamento quanto à reprodução de preconceitos e exclusão de sujeitos de margens por meio do discurso.

2.3. O SUJEITO LGBT NA MÍDIA E A REPRESENTATIVIDADE

Trazemos nesta etapa a importância das representações, ocorridas nos meios de comunicação, na diferenciação entre sujeitos do grupo de centro e sujeitos de grupos marginalizados, que de diversas formas reforçam a superioridade do sujeito normativo e principalmente a inferioridade do sujeito excêntrico. Como discutimos anteriormente, a heteronormatividade se mantém de forma incontestável como norma,

não somente na sexualidade, mas também, como regulador comportamental de corpos.

Apresentado isto buscamos neste momento questionar mecanismos que por sua vez reforçam, por meio das representações, formas preconceituosas de pensar o corpo. Segundo Goellner (2003) existem diversas formas de educação do sujeito, para além dos ambientes tradicionais de ensino, levantando que estamos rodeados a todo momento de dispositivos que nos educam e nos apresentam possíveis verdades. Segundo a autora:

Representações estas que não são universais nem mesmo fixas. São sempre temporárias, efêmeras, inconstantes, e variam conforme o lugar/tempo onde este corpo circula, vive, expressa-se, produz-se e é produzido. E também onde se educa porque diferentes marcas se incorporam ao corpo a partir de distintos processos educativos, presentes na escola, mas não apenas nela, visto que há sempre várias pedagogias em circulação. Filmes, músicas, revistas e livros, imagens, propagandas são também locais pedagógicos que estão, o tempo todo, a dizer de nós, seja pelo que exibem ou pelo que ocultam. (p. 31)

Logo, podemos concluir que as representações que consumimos muito nos dizem sobre nossos corpos, e ainda, sobre outras possibilidades de corpos existentes. Podemos neste momento refletir sobre a ficção na construção do imaginário de jovens adolescentes, que por sua vez buscam referências para suas construções sociais. Para materializarmos tal pensamento nos imaginemos crianças, onde ao assistirmos desenhos de super heróis, como o superman ou mulher-maravilha, somos instigados a reproduzir o que admiramos e cremos ser condizente com nossa personalidade, pegando a toalha de mesa da mãe e amarrando no pescoço fingindo ter poderes especiais.

Em continuidade a este raciocínio, podemos pensar ainda: E se ao buscar esta experiência, o sujeito não encontrar uma representação que lhe caiba? O mesmo se sentirá pertencente àquela realidade?

Lembramos ainda, que assim como no exemplo acima citado, as representações estão a nos dizer sobre nossa identidade desde sempre, tanto em ambientes de ensino convencionais (escolas), como no sofá de nossas respectivas salas. Para evidenciar tal afirmação trazemos a discussão apresentada por Odailso Berté e Irene Tourinho (2014), que trazem o termo “pedagogias culturais”, as elencando como uma ferramenta educacional que não presente nos meios de educação tradicionais. Estes podendo ser conteúdos televisivos, filmes, séries, etc. Segundo os autores:

Esta perspectiva diz respeito à construção de uma prática educativa que possibilite a transformação de condições ideológicas em práticas socioculturais de empoderamento, habilitando os sujeitos a intervirem na sua formação se reconhecendo e se dando conta dos modos como investem afetos e experimentam relações prazerosas com imagens, corpos, movimentos e artefatos culturais. (p. 94)

Assim, muitas vezes, nos meios de comunicação de massa, que são um dos principais responsáveis pela produção de conteúdos com representações, não há, de forma horizontal, dada inclusão de identidades variadas, dando espaço portanto, apenas a sujeitos que se encaixam dentro da normatividade. Pode ser enxergado ainda como problemático o fato que tais produtores de conteúdo, sempre afirmam seu compromisso em representar a realidade de forma fidedigna, o que podemos ver não ocorrer frequentemente. Afirmamos isto com Goellner (2003), que traz o corpo pelas perspectiva da linguagem:

O corpo é também o que dele se diz e aqui estou a afirmar que o corpo é construído, também, pela linguagem. Ou seja, a linguagem não apenas reflete o que existe. Ela própria cria o existente e, com relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades, instituir, por exemplo, o que é considerado um corpo belo, jovem e saudável. (p. 31)

Goellner (2003) neste momento reforça que a linguagem, ou ainda a representação, tem papel fundamental na construção e percepção da identidade, pois ao se dizer sobre determinado sujeito, cria-se dado imaginário sobre o mesmo. Para isto, existem múltiplas ferramentas de discurso e de construção cultural que foram articuladas historicamente, que muitas vezes, criam mitos sobre determinados grupos identitários, como por exemplo a indicação do homossexual como depravado, criando uma imagem pejorativa e preconceituosas a sujeitos LGBTs.

Quem discorre sobre isto é Campos (2013), que em sua tese de doutorado “Tá rindo de quem? O negro e o gay como motivos de piadas” discute sobre a apropriação dos estereótipos para a produção de humor, e qual a importância desta para a construção da imagem no negro e do sujeito homossexual. Segundo a autora:

A sociedade se organiza apoiada em discursos que se criam e recriam a fim de naturalizar relações de poder que vão se estabelecendo a partir do estranhamento pelas diferenças. Essas relações de poder, profundamente entranhadas à discursividade sobre o certo e o errado, o normal e o patológico, o bom e o ruim etc, precisam de escapes da cultura para que sejam introjetadas, normalizadas e naturalizadas. (p. 4)

Podemos ainda, reforçar isso com Junqueira (2015), que elenca o humor, ou melhor dizendo, o insulto, como um mecanismo regulador. Segundo o autor:

a pedagogia da sexualidade pode ser traduzida em uma pedagogia do insulto, que se expressa, por exemplo, por meio de piadas, ridicularizações, insinuações que, por sua vez, agem como mecanismos heteroreguladores de objetivação, silenciamento, ajustamento, marginalização e exclusão (p. 39).

A mídia, por exemplo, segundo Iribure (2008) “mostra o que é diferente, apesar de não ser, pois foi forjado em um conjunto de características que acionam a homossexualidade como depravação” (p. 55). A importância de entender tal forma de enxergar o grupo LGBT é o fato de esta imagem não ser fidedigna à realidade, mas para públicos que consumirem tal conteúdo, e não tiverem nenhum contato com sujeitos de tal grupo identitário, vão ter em mente apenas o que lhes é representado.

E para além disto, podemos ainda trazer o processo de aceitação de sujeitos, que por sua vez se identificam com determinado grupo identitário, entretanto por receio da opinião pública, dado a representação criada em cima do mesmo grupo, se encontrem em crítica quanto a que identidade assumir, e por vezes a própria negar. Como forma de dissipação desta visão do sujeito LGBT temos as produções audiovisuais veiculadas em grandes meios de comunicação, que ao representar tal grupo muitas vezes apelou para elementos caricatos, trejeitos exacerbados e atitudes pejorativas, formando na sociedade uma imagem, que muito se desvincula da realidade.

Vemos então, neste momento, como problemático as representações criadas em cima dos grupos LGBTs, que podemos ainda caracterizar, segundo Louro (2003), como um grupo excêntrico. Elencamos ainda, como possível razão para tais representações questionáveis, a cultura heteronormativa, que paira a percepção da realidade com suas ferramentas discriminatórias. E trazemos como produto, que reforça estas “más representações”, o corpo que ali se mostra, dado como promíscuo, frágil, sem poder, inferior, superficial e incorreto.

Percebendo tais fatos, podemos elencar a representação como altamente relevante na construção de um sujeito, e ainda, na autoestima de sujeitos que não se encaixam na normatividade. Dito isso, trago para esta discussão, não apenas como pesquisador, mas ainda como sujeito LGBT, um questionamento chave para esta pesquisa: Seríamos nós obtentores dos adjetivos previamente apresentados? Seríamos indignos de pertencer a este mundo, ou ainda, a esta sociedade? Logo, existimos?

E movidos por questões como estas que conseguimos enxergar também, dentro das produções de conteúdo que contam com representações, movimentos inclusivos que fazem a diferença. Isto tende a ser uma resposta dos mesmos produtores a uma sociedade cada vez mais crítica quanto a seus direitos e poderes ao que consomem, dado que com a internet, a distância entre quem produz a mensagem e quem a consome tenha ficado bem menor.

E podemos ver ainda que, tal consciência social dos consumidores está mudando não somente o mercado do entretenimento e da comunicação, mas todos de uma maneira muito efetiva. Surgindo então a **representatividade**, que busca, de forma socialmente consciente, incluir e representar sujeitos de grupos identitários marginalizados, sendo por sua vez, um termo que atualmente é muito debatido em discussões sobre comunicação e produção de conteúdo. Isto já foi apresentado por Kotler (2017) em seu livro “Marketing 4.0 - Do tradicional ao digital”, que retrata o movimento das marcas em se tornar mais horizontais e inclusivas, tomando tais posicionamentos como decisórios na aceitação do público. Segundo o autor:

Foi-se o tempo em que a meta era ser exclusivo. A inclusão tornou-se a nova tendência. Em nível macro, o mundo está avançando de uma estrutura de poder hegemônica para uma multilateral (p. 21).

Então necessitamos neste momento compreender dois fatores, que motivam a elaboração deste trabalho, e justificam sua importância: Os produtos comunicacionais têm grande papel na manutenção ou ruptura de normas sociais, como por exemplo a heteronormatividade, que atinge, por exemplo, grupos identitários LGBTQs; e compreendendo este potencial, os mesmos produtos “podem” ser utilizados para desconstruir pensamentos discriminatórios, que atingem violentamente indivíduos LGBTQs diariamente, fazendo com que, o estudo dos que o fazem, seja altamente pertinente para a área da comunicação.

Nos cabe então, enquanto pesquisadores da área a qual compete a produção destes conteúdos comunicacionais, analisar formas de representar sujeitos LGBTQs de forma mais consciente e representativa. Assim como diz Bessa (2014), tais estudos se fazem necessários para que possamos entender a construção destas representações e posteriormente influenciar na produção de novos produtos comunicacionais conscientes. Segundo a autora:

A crescente importância do estudo de cultura visual no interior da ampla área dos estudos culturais e o desenvolvimento de algumas ferramentas conceituais para lidar com representações visuais gerou um promissor impulso no interior de outras áreas do conhecimento para pensarem a

gestão das imagens de um ponto de vista ideológico (num primeiro momento) e, posteriormente, como discursos, ou seja, não mais inversão/distorção de uma realidade exterior, mas o jogo de poder entre representações em disputa (p. 48).

Sendo assim, escolhemos uma produção audiovisual, dentre as que acreditamos “fazer a diferença”, para analisá-la e compreender como a mesma constrói a trama de um personagem LGBT e posteriormente discutimos, com base nos autores citados, a importância da representação consciente no imaginário social.

3. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

3.1. OBJETO DE ESTUDO: A SÉRIE *SEX EDUCATION* DA NETFLIX

Para podermos adentrar em nosso objeto de pesquisa, precisamos inicialmente apresentar a série a qual ele pertence. *Sex Education* é uma série de drama, de origem britânica, lançada no dia 11 de Janeiro de 2019, criada por Laurie Nunn. A série trata-se de uma trama que une histórias que já são muito vistas em filmes *teen*⁷, como a vida de adolescentes em meio a rotina de um colegial, entretanto com assuntos tidos como tabu em nossa sociedade, como a sexualidade, relacionamentos, autoconhecimento, gênero, aborto, amizade e como já explícito no nome, sexo e todas suas vertentes.

A narrativa gira em torno da vida de Otis Milburn, um adolescente que mora com a mãe Jean F. Milburn, uma terapeuta sexual que atende seus clientes em casa. O desenvolver da história apresenta outros personagens, que serão construídos e ganharão tramas independentes, cruzando sempre com a do personagem principal. Dentre estes, dois se destacam pela proximidade com o protagonista, sendo eles Maeve Wiley, colega de classe de Otis, e Eric Effiong, seu melhor amigo.

Assim como já apresentado, iremos direcionar nossos esforços de análise na história de Eric, personagem LGBT, que compartilha sua rotina com Otis, tendo uma relação de muita proximidade e amizade com tal. Eric vive com seus pais e irmãs, e não é assumidamente LGBT, entretanto, no decorrer da trama, momentos mostram que seu pai já tem conhecimento da sua sexualidade, mas tenta ignorá-la.

Eric surge no primeiro episódio, se mostrando um garoto extrovertido, gentil, engraçado e por vezes inseguro. Podemos ver desde seus primeiros diálogos na trama que o mesmo se preocupa muito com a visão que passa para as pessoas do colégio, buscando sempre tomar atitudes que o gerem aprovação. Podemos também perceber em Effiong, desde sua aparição, elementos visuais que se mostram díspares da norma heterossexual, como suas roupas e seus trejeitos corporais.

O personagem ganha bastante destaque na série, a ponto de ao decorrer da trama desenvolver sua própria linha narrativa, que por vezes se desvincula da do protagonista. É válido ressaltar também que Eric surge na série com um tom humorístico, o que nos faz imaginar que veremos apenas mais uma representação

⁷ Nominção dada a filmes com tramas e direcionamento voltado ao público adolescente.

cômica de um personagem LGBT, entretanto, a evolução do personagem e de sua trama se mostram impensáveis.

Partimos então para uma breve ambientação da trama que antecede a primeira cena a ser analisada, para que assim seja possível uma compreensão melhor do objeto de estudo. O episódio anterior ao que iremos analisar, retrata o dia aniversário de Eric, que já em seu início mostra Otis o presenteando com dois ingressos para o filme “Hedwig - Rock, Amor e Traição”, sendo destinados um para cada um dos amigos. Eric ao recebê-los demonstra imensa felicidade pelo presente, validando sua afeição pela obra.

Vemos ainda, mencionado em um dos diálogos, que ambos amigos tinham uma tradição, quanto a data, mas não sabemos até o momento, qual seria tal. Posteriormente na trama vemos, que o tal acordo entre os personagens, nos aniversários de Eric, era a caracterização personalizada de acordo com o filme, fazendo com que os mesmos se montassem como *drags*⁸ para assistir a obra.

No mesmo dia, mais tarde, vemos os dois amigos já caracterizados, mas alguns imprevistos ocorreram, então Eric foi antes para a sessão, e prometeu ainda esperar pelo amigo que viria no próximo ônibus. Entretanto, Maeve aparece e pede a presença de Otis, que a atende, descumprindo o acordo com Eric, deixando-o sozinho.

Depois de muito esperar, Eric percebe a ausência de seu amigo e decide ir embora, contudo novos imprevistos ocorrem, fazendo com que ele perca seus pertences, ficando impossibilitado de voltar de transporte público, fazendo com que fosse caminhando para casa. Ao fazer isto, no meio do trajeto, Eric é surpreendido com um carro que para em sua proximidade, discriminando-o por sua caracterização, posteriormente o agredindo fisicamente.

Machucado e ensanguentado Eric encontra um grupo de pessoas em um trailer na beira da estrada, que o ajudam e ainda o emprestam o telefone para uma ligação. Logo o vemos na casa de Otis, com sua mãe, e depois de uma briga, Eric volta para casa e deita em sua cama, em posição recolhida, chorando.

3.2. ANÁLISE AUDIOVISUAL - ANÁLISE DE IMAGENS EM MOVIMENTO.

Para este trabalho adotamos a perspectiva metodológica de Análise de imagens em movimento, descrita por Diana Rose, no livro “Pesquisa qualitativa com

⁸ Termo de língua estrangeira utilizado para se referir a transformistas, que por sua vez significa se transvestir de um personagem, normalmente feminino, com intuito artístico.

texto, imagem e som” (2002). Rose vislumbra uma necessidade de pesquisa mais detalhada de alguns tipos de materiais audiovisuais, sendo possível, a partir desta perspectiva, um tipo de análise aprofundada, e que engloba conteúdo e estrutura.

Segundo a autora, esta forma de analisar se deriva da complexidade que há nas produções audiovisuais, seja no conteúdo ou na estrutura. Segundo Rose (2002):

os meios audiovisuais são um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequência de cenas e muito mais. É portanto, indispensável levar essa complexidade em consideração, quando se empreende uma análise de seu conteúdo e estrutura (p. 343).

Rose (2002) estrutura a metodologia em quatro diferentes fases: seleção, transcrição, codificação e tabulação. Para esta proposta de trabalho, não utilizamos as duas etapas finais, pois acreditamos que ambas não se afiguram relevantes para esta análise. Dito ainda que desejamos encontrar elementos que dialogam com os conceitos elencados previamente, fazendo com que esta metodologia seja uma ferramenta facilitadora e de criação da pesquisa.

Iniciamos então com a primeira etapa da metodologia, a seleção, cujos esforços focam em eleger partes do objeto de estudo para a análise. A autora elenca em seu texto a importância desta parte do método, pois quando se escolhe o que irá analisar, e o que não irá, já estamos dizendo sobre a pesquisa que será realizada. Tal decisão deve ser tomada de acordo com a abordagem e direcionamento teórico que se objetiva com o trabalho.

Segundo Rose (2002): “A primeira tarefa é fazer uma amostra e selecionar o material para gravar diretamente. Que programas serão selecionados, dependerá do tópico da área a ser pesquisada e da orientação teórica.”(p. 346). Lembramos também que a autora direciona sua análise em programas televisivos, entretanto seu método pode ser utilizado para outros formatos de conteúdos, como o que nos propomos a analisar neste trabalho.

Na seleção, segundo Rose (2002), são necessárias duas etapas de triagem, uma que elenca intervalo de tempo entre as transmissões televisivas e outra que seleciona as cenas específicas da análise. A autora ressalta que esta escolha deve ser feita por conveniência ao direcionamento do trabalho e a pertinência aos objetivos do estudo.

Utilizando como referência as escolhas elaboradas pela autora em seu trabalho, optamos por dividir a seleção do nosso objeto de estudo. Em primeiro momento, elegemos episódios que tinham um enfoque maior nas representações

desejadas, e em segundo momento, selecionamos destes, cenas que possibilitaram a análise. Entendemos também, segundo a autora, a necessidade de deixar explícito os motivos que nos levaram à escolha, tornando evidente a pertinência destes episódios e cenas para o trabalho.

Segundo Rose (2002), a segunda etapa, transcrição, tem por objetivo “gerar um conjunto de dados que se preste a uma análise cuidadosa e a uma codificação. Ela translada e simplifica a imagem complexa da tela”(p. 348). A autora elenca uma ferramenta para a transcrição: a delimitação de unidades de análise, que seriam delimitações para direcionar a observação. Rose (2002) traz a sua pesquisa para exemplificar o que necessariamente seriam tais unidades:

É importante decidir sobre a unidade de análise.(...) No estudo estou usando como ilustração, foi decidido que a unidade de análise seria uma tomada feita pela câmera de filmagem. quando a câmera mudava o conteúdo, uma nova unidade de análise começava. A definição da unidade de análise foi, por isso, basicamente visual (ROSE, 2002, p. 348).

Rose (2002) explana ainda em seu trabalho a forma como eram elaboradas as análises anteriores de outros estudiosos , nas quais o direcionamento era dado apenas ao verbal, ou seja, o enfoque aos diálogos em produções audiovisuais. Rose discorda que sejam os únicos pontos a serem analisados. Segundo a autora:

Os analistas da conversação, ou teóricos do discurso, tomam, basicamente, como sendo uma unidade de análise uma linha, uma sentença ou um parágrafo. A unidade está consequentemente baseada na fala. Ciente da importância dos aspectos não-verbais dos textos audiovisuais, escolhi unidades de análise com base no visual (p.349).

Entendemos, assim como a autora, que não podemos realizar uma análise detalhada da representação tendo como unidade apenas a fala, pois existem elementos que são tão importantes quanto, para a construção do contexto. Sendo assim, cremos que analisar aspectos visuais, em cenas que por vezes nem contenham diálogo são de igual importância a análises dadas apenas ao diálogo. No caso deste trabalho, iremos, em certos momentos, analisar cenas que contam apenas com um personagem, que por sua vez terá dada ausência de diálogos, e talvez por esta, se faz tão significativa quanto outras que poderiam ser elencadas.

Dito isto, categorizamos as unidades de análise que nos permitiram a compreensão da representação da identidade negra LGBT e ainda a sua importância para a trama e para a construção do personagem analisado, elencando pontos que foram dados como pertinentes para o estudo. Apresentado a metodologia que

utilizamos para a realização deste trabalho partimos então para a aplicação desta em nosso objeto de estudo.

3.3. SELEÇÃO E TRANSCRIÇÃO

Tendo como objetivo uma melhor análise do objeto estudado, ou seja, a trama do personagem Eric, optamos por selecionar algumas cenas que o mesmo protagoniza, fazendo com que o direcionamento da análise seja mais assertivo. Tais cenas tiveram como critério de seleção a suas respectivas pertinências para o tema estudado neste trabalho.

Lembramos também que ao escolhermos as cenas a serem analisadas, podemos também dizer muito sobre onde o trabalho busca chegar e ainda o que ele busca encontrar. Diana Rose (2002) demonstra que a seleção é complexa e muito importante para a pesquisa, elencando até mesmo a ausência de determinado conteúdo, “O que deixar de fora é tão importante quanto o que vai se incluir e irá afetar o restante da análise.” (p. 346). A autora ainda reforça, exemplificando para conteúdos televisivos, a importância do objetivo da análise na elaboração da seleção, afetando o direcionamento da pesquisa:

Que programas serão selecionados, dependerá do tópico da área a ser pesquisada e da orientação teórica. Por exemplo, um pesquisador pode estar particularmente interessado em um tópico que é tratado, principalmente, por programas que tem a ver com o tópico. (p. 346)

Foram decupadas 3 cenas da primeira temporada da série, em episódios diferentes, retratando diferentes momentos de Eric. Para facilitar a compreensão e discussão posteriormente iremos denominá-las de acordo com tais fases do personagem, sendo elas: **A perda**, cena que busca retratar a abstenção de Eric quanto a sua personalidade e identidade; **A inspiração**, situação enxergada como marco em relação à trama do personagem; **O empoderamento**, momento no qual podemos perceber uma nova mudança na construção Eric enquanto sujeito. Faremos então uma breve apresentação das cenas, para assim, a trama ficar mais evidente, dito que o próximo item trará a decupagem detalhada das cenas.

A primeira cena (A perda) se encontra no episódio 6 da primeira temporada e conta com 30 segundos, tendo como ponto inicial o frame 2:24 e como ponto final o frame 2:54. A cena conta exclusivamente com Eric e retrata o dia posterior ao seu aniversário, no qual foi abandonado por seu melhor amigo e sofreu um grave ataque

de homofobia envolvendo violência física por mais de um indivíduo. Tal cena foi escolhida dada a sua riqueza simbólica quanto à mudança de personalidade e vestuário do personagem.

A segunda cena (A inspiração) escolhida foi retirada do episódio 7 da primeira temporada, contando com 57 segundos, e tem como ponto inicial o frame 12:54 e como ponto final o frame 13:52. A cena conta com dois personagens, Eric, que estava andando na rua com as compras solicitadas pela mãe e Rydel (personagem o qual aparece unicamente nesta cena) que passava de carro pelo local em direção a um casamento, e retrata a interação dos mesmos. Neste trecho do enredo se encontra o que acreditamos ser um dos principais marcos de mudança da percepção do personagem quanto a sua identidade.

A terceira e última cena selecionada foi também recortada do episódio 7 da primeira temporada e conta com 32 segundos, tendo como ponto inicial o frame 35:12 e como ponto final o frame 35:44. A cena retrata a interação de dois personagens, Eric e Adam, onde há uma tensão dada por insultos homofóbicos mediante ao vestuário de Eric, onde o mesmo decide pela primeira vez em toda a trama da série apresentar um comportamento de contestação, de empoderamento.

Compreendemos neste momento, selecionadas os conteúdos a serem analisados, a importância da criação das unidades de análise para assim direcionar nosso estudo. Reforçamos também a individualidade da escolha destas unidades, sendo pertinentes para este trabalho, ou ainda, para o tema que abordamos em nossa pesquisa. Rose (2002) ressalta que não existe modelo de unidades a serem analisadas, isto surge com o objetivo e tema de cada pesquisa e objeto

não há um modo de coletar, transcrever e codificar um conjunto de dados que seja “verdadeiro” com referência ao texto original. A questão, então, é ser o mais explícito possível, a respeito dos recursos que foram empregados pelos vários modos de translação e simplificação. (p. 343)

Para a transcrição iremos nos atentar em 3 diferentes categorias de análise, sendo elas: O **figurino**, A **atuação** e os **diálogos**. Optamos por estes recortes pois acreditamos que partir destas categorias podemos fazer as análises e inferir sobre os valores ali representados, mostrando então suas respectivas importâncias para a construção da representação LGBT na trama.

Para que fique mais objetivo e compreensível nossas escolhas, decidimos transcorrer brevemente sobre os motivos que levaram a escolha de cada categoria de análise, fazendo com que assim se torne possível analisar nosso objeto com um maior

refinamento e atentamento. Iniciamos então justificando a seleção do figurino, que se percebeu relevante por ser a materialização da mudança de personalidade e expressão corporal do personagem Eric. Podemos perceber isto pois quando vestia determinada roupa agia de dada forma, e ao trocá-la se personificava de forma muito diferente.

É importante relatar também que a série dedica uma significativa parcela de tempo, totalizando 28 segundos, para cenas estas em que Eric está se vestindo, fornecendo ao público uma noção de que aquele momento foi algo importante para a construção da trama como um todo. Rose (2002) diz em seu texto que diversos elementos podem ser observados em um mesmo conteúdo, a autora exemplifica mostrando que mesmo não tendo selecionado o figurino como categoria de análise, o mesmo poderia ter sido analisado e teria alta importância nos resultados obtidos:

Há ainda outros aspectos da dimensão visual da televisão que poderiam ter sido codificados: por exemplo, as cores das roupas, quando roupas escuras implicam a depressão (...) Esses aspectos não foram sistematicamente anotados na transcrição, mas eles poderiam ter sido. (p. 350)

Reforçamos ainda que, o figurino, tem por sua vez, grande importância na construção simbólica da trama. Para além disto, podemos elencar ainda o figurino como componente que possibilita ao sujeito, juntamente com o corpo, expressar sua identidade, assim como vimos nos textos de corpo e identidade. Segundo Marcel Martin (2007), o vestuário faz recortes simbólicos do que mostrar, evidenciar, ou ocultar:

Assim como a iluminação ou os diálogos, o vestuário faz parte do arsenal nos meios de expressão fílmicos. (...) Ele se destacará dos diferentes cenários para pôr em evidência gestos e atitudes dos personagens, conforme sua postura e expressão. (p. 60)

Martin (2007) elenca 3 tipos de vestuários de cinema, sendo eles: Os realistas, os para-realistas e os simbólicos. Acreditamos, tomando como base nosso objeto de estudo que os vestuários utilizados na trama seriam simbólicos, que segundo definições de Martin (2007) seriam:

Simbólicos: a exatidão histórica não importa, e o vestuário tem antes de tudo a missão de traduzir simbolicamente caracteres, tipos sociais ou estados da alma. (p. 61)

Partimos então para a segunda categoria de análise, que transita diretamente com o anteriormente citado, é a atuação, ou seja a expressão do personagem para com aquelas ações que ele reproduz. Consideramos importante transformar desta

uma categoria, dado que de acordo com a mudança de roupas, como já citado, o personagem também muda sua personalidade, e conseqüentemente sua atuação se transforma.

E a atuação é altamente relevante para a construção da trama, pois, é dela que se cria o imaginário sobre o personagem, pois ela, se faz a mais evidente arma simbólica do ator. Flávio de Campos (2007), descreve em seu livro a importância de entender a manifestação do personagem para a construção da trama:

Hoje, a maioria das histórias se pauta pelo conceito segundo o qual o personagem é dotado de um perfil virtual que se manifesta através de ação motivada por situação propícia. Com as ações que se executa, o personagem traça não o seu perfil, que antecede suas ações, mas o seu fio particular de história, a sua trilha. Sob esse conceito, no curso de uma história, um personagem mais se releva do que se transforma. (p. 140)

E como terceira e última categoria de análise elencamos os diálogos, pois acreditamos que neles se encontram grande riqueza de significados para serem analisados e interpretados. Ressaltamos também que os diálogos analisados são feitos entre dois personagens, sendo um deles Eric, impondo por sua vez suas respectivas importâncias para a cena em questão.

Trazemos novamente Martin (2007), que evidencia a importância dos diálogos no cinema, mesmo não sendo um meio de expressão nascido no ambiente cinematográfico. Segundo o autor:

Digamos de imediato que, se os diálogos não são um meio de expressão específico do cinema, isso não quer dizer que não sejam para ele um meio de expressão essencial. (...) Mas repito que, no cinema falado, o papel da palavra como elemento da realidade e fator de realismo é normal e indiscutível. Resta agora definir qual seria esse papel. (p. 175)

Percebemos na trama, assim como é de costume em filmes e séries, a importância dos diálogos para a construção não somente da narrativa, mas também para a compreensão do personagem que a produz ou que a interpreta e cremos que aos analisá-los conseguiremos compreender de forma mais ampla a situação e a representação que ali ocorre. Ainda sobre a fala, apresentamos neste momento que não somente ela será estudada, mas também, em dado momento, a ausência dela.

3.4. DECUPAGEM DO OBJETO DE ESTUDO

Apresentado nosso referencial teórico e ainda nosso percurso metodológico partimos agora para a decupagem e transcrição das três cenas escolhidas, a fim de

descrever o maior número de elementos dentro das unidades de análise propostas proporcionando um estudo mais detalhado. Como já apresentado as cenas foram denominadas a fim de compreensão e direcionamento da pesquisa, sendo então as cenas selecionadas: Cena 1, A perda; Cena 2, A inspiração; e Cena 3, O empoderamento.

3.4.1. CENA 1: A PERDA

Esta cena ocorre no episódio 6, posterior ao dia de seu aniversário, em que sofreu violência física dada por ataques homofóbicos, depois de ser abandonado por seu melhor amigo Otis. Tinha ficado claro neste mesmo episódio sua profunda tristeza pela atitude do amigo e pela situação que havia sofrido, e ainda seu rompimento de amizade com Otis.

Em sua última aparição na trama Eric deitou em sua cama, recolhido com expressões de melancolia, deixando evidente no plano close seus machucados ainda recentes. Partimos então para uma descrição da primeira cena analisada, onde é protagonizada unicamente por Eric, que se encontra em seu quarto.

Descrição da cena: A primeira cena se inicia com um Eric deitado em sua cama olhando para cima, onde se encontra um quadro. No plano visual conseguimos enxergar o personagem centralizado, a cama, um travesseiro colorido, dois criados mudos com alguns objetos como celular, óculos, livros, despertador e um abajur de mesa. Podemos ver ainda um abajur fixado à parede, pôsteres colados na parede e um quadro contendo a imagem de Jesus, a qual Eric direciona seu olhar.

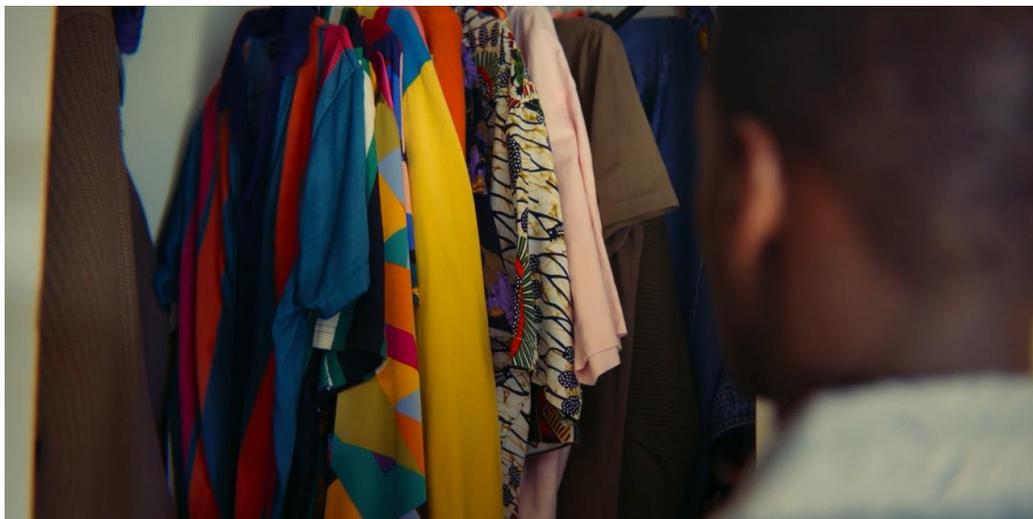
Figura 1 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Na sequência da cena, porém agora em outro plano, vemos Eric abrindo seu guarda-roupas e direcionando seu olhar as roupas. No frame podemos ver o personagem desfocado, as roupas que ali estão focadas. Dentre as vestimentas presentes nas cenas, podemos ver já no primeiro frame uma gama diversa de cores chamativas e diversificadas.

Figura 2 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Ainda na mesma cena, o personagem além de olhar as roupas a sua frente começa a interagir com elas passando-as uma por uma, dando a entender que está a escolher alguma peça. Entretanto podemos ver que o mesmo passa as peças de forma rápida como se não aceitasse as inicialmente conferidas.

Figura 3 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Em seguida Eric olha para seu guarda-roupas com cara de desaprovação e insatisfação. O mesmo ainda aparece soltando os braços ao corpo reforçando tal sentimento.

Figura 4 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Podemos ver Eric já fechando a porta de seu guarda-roupas indo em direção ao lado contrário do mesmo. Neste momento o personagem se encontra com um cabide com uma troca de roupas nas mãos.

Figura 5 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Eric chega em frente ao espelho olhando fixamente para as roupas que estão em sua mão. É possível enxergar ainda um semblante de rosto fechado e sem sorriso.

Figura 6 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Eric veste a roupa que estava segurando e direciona seu olhar ao espelho para conferi-la. Neste momentos pouca atenção, em tempo de filmagem, se volta para o ato do mesmo vestir a roupa, e muito se direciona para ao processo de auto visualização no espelho.

Figura 7 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Ainda na mesma cena Eric volta seu olhar ao espelho, olhando atentamente a si próprio e a roupa a qual ele está vestindo. Em seu rosto, é possível ver um semblante fechado e melancólico.

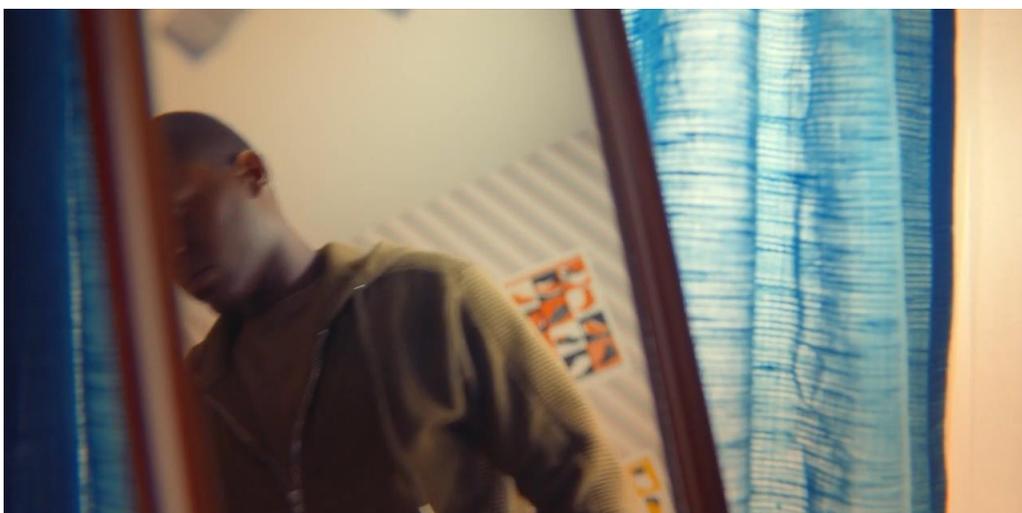
Figura 8 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

E como último frame desta sessão encontramos o personagem saindo em direção contrário ao espelho.

Figura 9 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

3.4.2. CENA 2: A INSPIRAÇÃO

A segunda cena selecionada para análise acontece no episódio de número 7 da primeira temporada, posterior à mudança de personalidade de Eric. Tal alteração no personagem pode ser vista dado o momento que o mesmo começa a andar com roupas em tons pastéis, diferente das que usualmente vestia, e ainda se comportando de forma indiferente aos outros personagens. A cena que materializa e marca dada mudança é a que vimos anteriormente na sessão da Perda.

Descrição da cena: A cena analisada se passa em um rua entre o mercado e a casa da família Effiong, e retrata o momento em que Eric está voltando para seu lar com as

compras solicitadas por sua mãe. Em primeiro momento conseguimos enxergar na cena Eric, entretanto o mesmo se encontra posicionado ao lado direito da cena, possibilitando ao público a percepção de um carro dele se aproximando. Como já mencionado, mas ainda assim vale reforçar o personagem encontra-se vestido com roupas de tons terrosos e cinzas com sacolas de papel em suas mãos.

Figura 10 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

A partir do momento em que o carro se aproxima encontramos mais um recorte simbólico para a análise, que é a reação de Eric ao carro desconhecido, que o suscita expressões faciais indicativas de medo. Ressaltamos este como importante pois acredita-se que neste momento tal expressão tenha ligação com o caso de violência que o mesmo sofreu no episódio anterior, ocorrido em uma situação semelhante.

Figura 11 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Posterior e este frame podemos ver a entrada de um novo personagem na cena, e na série, Rydel, que para seu carro um pouco a frente de Eric e coloca a cabeça para fora o indagando sobre um endereço:

- Ei, cara, sabe como chego em Ellencot? Estou tentando chegar a um casamento, mas meu GPS me ferrou.

Eric se aproxima do automóvel já respondendo à pergunta:

- Sei.

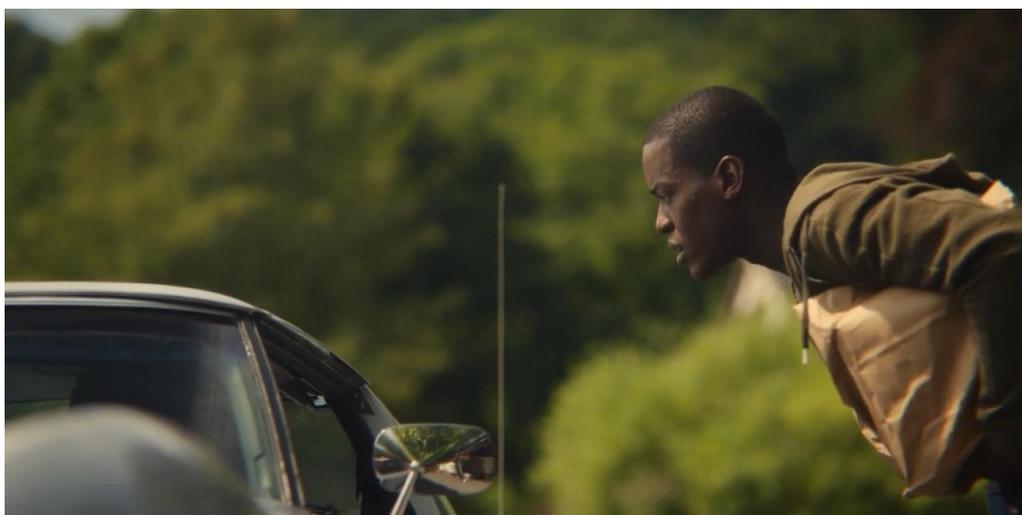
Figura 12 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Ao se aproximar do veículo Eric pausa instantaneamente com uma expressão de espanto ao olhar para Rydel, ficando sem fala inicialmente, apenas o observando. Além de espantado, pode-se perceber sinais de uma expressão boquiaberta mediante ao novo personagem.

Figura 13 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Dado tal expressão espontânea e inesperada de Eric, Rydel responde com certo estranhamento ao garoto. O mesmo o encara com um semblante de dúvida.

Figura 14 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Eric ainda com expressões que demonstram espanto olha fixamente para Rydel, e posteriormente muda seu olhar. A forma com que Eric muda a direção do seu olhar rapidamente indica um momento de avaliação do novo personagem. Podemos perceber neste momento que Rydel se veste com roupas estilizadas e chamativas, portando acessórios muitas vezes ligados ao universo LGBT, como brincos e pulseiras.

Figura 15 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

O frame posterior direciona a câmera para as mãos de Rydel, que estão segurando o volante. Neste momento conseguimos observar as unhas de Rydel que se encontram pintadas com um esmalte de cor metálica, e ainda um anel em seu dedo mindinho e uma pulseira de couro. Neste plano a câmera se encontra posicionada do

lado exterior do carro, fazendo com que representasse a visão de Eric sobre aquela situação.

Figura 16 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Seguinte a isso podemos ver a câmera voltando para Eric do lado de fora do carro, onde podemos observar dada mudança de humor no personagem, passando para um expressão mais feliz e aberta. Tal cena passa a ser importante também por este momento, que consegue alterar a expressão de Eric, que como retratado de forma caricata no episódio em questão, se encontrava apenas fechada e irritada.

Figura 17 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

No próximo plano podemos visualizar a interação entre Eric e Rydel, enquanto as coordenadas solicitadas são repassadas. Se faz possível enxergar também mudanças de humor de ambos, onde consegue-se ver expressões de alegria no rosto dos dois personagens. Eric fala, direcionando-o para seu destino:

- É pra lá, cerca de 15 minutos. Vire à esquerda após a escola.

Em resposta a isto, Rydel sorri e diz:

- Certo. Obrigado, cara.

Figura 18 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Posterior receber as informações podemos ver Rydel retomar a posição como motorista, fazendo movimentos que demonstram sua partida. Entretanto, antes que o mesmo o fizesse Eric o para com um comentário sobre suas unhas. Neste momentos podemos ver expressões de admiração e alegria no rosto de Eric, dando a entender seu conforto em conversar com Reydel sobre o assunto. Eric diz:

- Suas unhas são poderosas

Figura 19 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Podemos ver em expressões de Rydel que o mesmo recebeu bem ao elogio e em consequência se sente à vontade para responder a Eric agradecendo e ainda com tom de humor oferecendo uma sugestão. A fala de Rydel suscita uma resposta de Eric, que por sua vez acena em afirmação à pergunta do personagem. Rydel diz:

- Obrigado, garoto. Quer um conselho? Aposte nos tons de pedras preciosas.

Em resposta a este comentário Eric abre um grande sorriso, seguido Rydel, dando a entender sua satisfação em relação ao comentário. Neste momento pode se enxergar na trama uma ligação entre os personagens, dada em um direcionamento de admiração e inspiração.

Figura 20 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Terminada a interação entre os personagens, Eric se afasta do carro, que está sendo ligado por Rydel, que por sua vez parte em direção a seu destino. Neste momento se encontra uma cena que acreditamos conter alto valor simbólico, dada na expressão de Eric ao ver o carro partir e em contrapartida raciocinando sobre o que acabara de vivenciar. No plano seguinte, Eric aparece com expressão facial alegre e aberta.

Figura 21 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

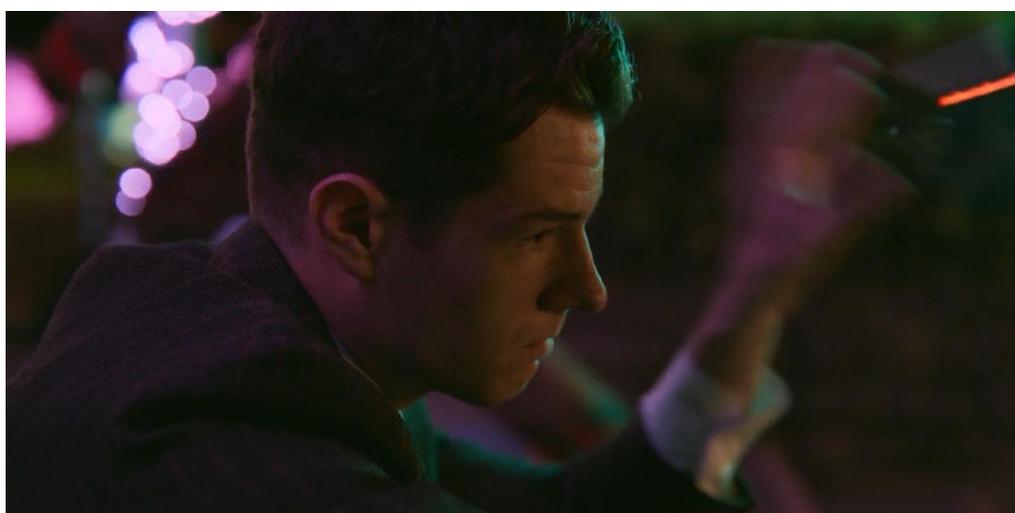
3.4.3. CENA 3: O EMPODERAMENTO

A última das 3 cenas selecionadas para análise se encontra também no episódio 7 da primeira temporada e retrata a chegada de Eric em sua escola, onde está havendo o baile de formatura. Tal cena ocorre posterior a momentos dados como chave de Eric, pois ocorreram diversas mudanças de humor e paradigmas no episódio em questão, como sua presença na igreja e ainda apresentação como LGBT aos pais. Tais ações fizeram com que enxergássemos uma evolução e amadurecimento evidente do mesmo enquanto personagem.

Dada esta evolução, no âmbito da construção de Eric, também andou em paralelo com a construção de sua confiança e Autoestima, que podemos ver mais distintamente nesta cena em questão. Ressaltamos aqui que nas cenas anteriores entre Eric e Adam Groff, retratava na maioria das vezes atos de violência, homofobia e Bullying. Tais situações fizeram com que Eric tivesse grande temor quanto à presença do personagem Adam, sendo evidente desde os primeiros episódios da série. Dito isto, partimos para a apresentação da cena: O empoderamento.

Descrição da cena: A cena inicia-se mostrando Adam sentado em uma escada que dá acesso a porta principal do colégio, fumando um cigarro. Ao fundo podemos perceber uma pessoa passando, que posteriormente vemos ser Eric, fazendo com que Adam parasse de fumar e arremessasse seu cigarro de uma forma rude, demonstrando a rispidez do personagem.

Figura 22 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Ao fazer tal gesto Adam se levanta e dá meia volta, indo na mesma direção que Eric, dizendo comentários ofensivos e homofóbicos. Adam diz:

- Veio vestido de que, Trombodurista? Uma garota?

Eric continua seu trajeto e o responde enquanto caminha:

- O que quer Adam?

Adam que continua a segui-lo solta uma ameaça em tom de naturalidade:

- Eu vou te matar.

Figura 23 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Ao ouvir isto, Eric vira-se para Adam e caminha até ele. Desta vez podemos perceber o personagem com uma postura mais ereta e cabeça mais levantada, como se estivesse confrontando Adam de igual para igual. Podemos também perceber em suas expressões dada seriedade e rigidez, que por sua vez dá ao personagem um tom de segurança e confiança.

Figura 24 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Ao virar-se, Eric diz:

- Vai ser agora ou mais tarde? Porque estou pronto quando você estiver.

Figura 25 - Cena da série *Sex Education*

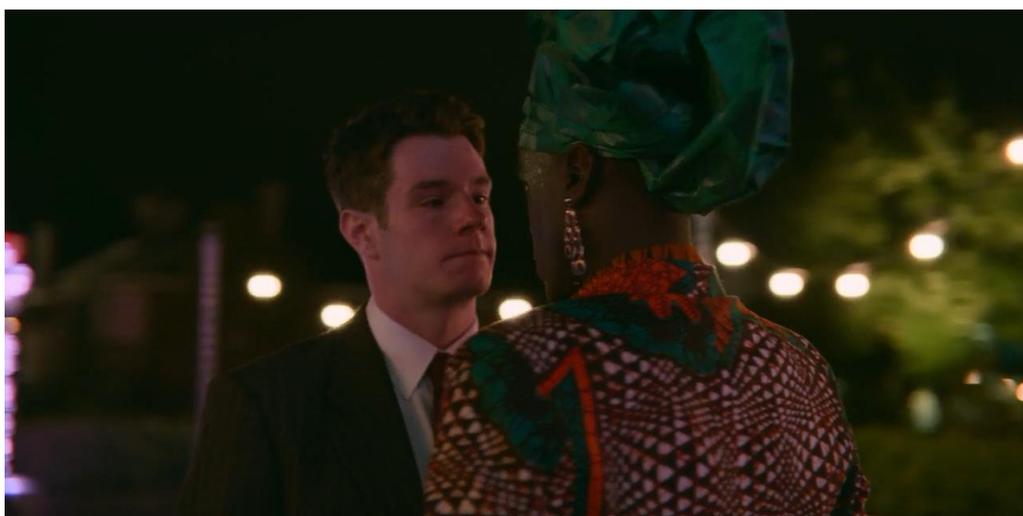


Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Adam ao receber tal confronto não reage de nenhuma forma, conseguimos ver o mesmo tentando pronunciar alguma fala imediata mas não a dizendo. Posterior a uma pequena pausa encarando Eric, Adam diz:

- Vou mesmo.

Figura 26 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Imediatamente ao ouvir a fala de Adam, Eric já lhe responde com uma voz firme e objetiva, questionando-o e ironizando-o:

- Certo. Então vai ser mais tarde?

Figura 27 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Sem perder a postura ou ainda sem deixar de fixar seu olhar em Adam, Eric decide finalizar a conversa de forma objetiva. Dado que sua fala era em tom de ironia, Eric sem esperar a resposta já solta uma expressão em uma palavra ficando o final daquela conversa:

- Ótimo.

Figura 28 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Finalizada a conversa Eric continua encarando Adam, como que confrontando-o e não validando sua tentativa de intimidação. Eric ainda olha Adam dos pés à cabeça como quem avalia e julga alguém, dando a entender que estava a zombar de Adam, tirando dele todo ar de superioridade que anteriormente havia se construído.

Figura 29 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

E por fim, Eric dá as costas a Adam em direção a entrada da escola, onde está acontecendo a festa. Em paralelo a isto Adam fica em seu posto inicial, apenas o observando sair, sem qualquer reação significativa.

Figura 30 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

3.5. ANÁLISE.

3.5.1. A PERDA.

Iniciamos a análise da primeira cena com uma breve contextualização, reforçando a importância do que havia ocorrido previamente na trama. No episódio anterior, ocorreram duas situações que acreditamos serem gatilhos para as atitudes tomadas pelo personagem neste momento: A primeira seria o caso de homofobia sofrida por Eric, que contou com violências físicas e psicológicas; e a segunda seria o abandono de seu melhor amigo no dia do seu aniversário.

Precisamos ressaltar também, que a última vez em que o personagem é apresentado na série, o mesmo está chorando em sua cama, com diversos machucados evidentes. Logo a cena em questão apresenta também a volta do personagem à trama da série como um todo, mostrando qual seria sua reação a tudo que houve anteriormente.

Partimos então para compreender o início da cena analisada, onde vemos Eric em sua cama olhando para cima. Se faz perceptível, dentro de sua atuação, um sentimento de tristeza, ou ainda certa insatisfação ou desgosto. Neste episódio não contém **diálogos**, entretanto, podemos enxergar nesta ausência, por vezes reforçada pela música calma, uma sensação de melancolia.

A primeira atitude que vemos de Eric é sua interação com seu guarda-roupa, que por sua vez conta com vestimentas que o mesmo muito utilizava, e que conseqüentemente, muito o constituiu como personagem durante todo o desenrolar da série até aquele momento. Ao analisarmos tais roupas, por viés da categoria **figurino**, percebemos que o personagem se vestia com cores muito diversas e vibrantes, assim como podemos ver nas imagens a seguir.

Figura 31 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Figura 32 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Figura 33 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Tais conjuntos de roupas podem ser ainda uma forma que o mesmo se identificaria e afirmaria sua identidade LGBT, principalmente para amigos e colegas de escola, os quais sabiam de sua sexualidade. Tal afirmação pode ser fortalecida dado que, pessoas caracterizadas como heteronormativas e que preferem seguir dada norma de vestimenta, buscam por cores mais sóbrias, enquanto a comunidade LGBT muito encontra na disparidade deste padrão uma forma de se manifestar e afirmar suas identidades. Entretanto ao que podemos ver Eric está ali para escolher algo para vestir, e ao tentar escolher alguma peça, o mesmo passa-as como se não tivesse satisfeito com nenhuma delas.

Ao interagir com suas antigas roupas, Eric as encara com dada desaprovação, como se aquelas não lhe pertencessem mais. Entrando então a categoria de análise que foca na **atuação**, percebemos nas expressões faciais, o personagem olhando com a cabeça levantada, com certa manifestação de descaso, percebendo em seu rosto dada rigidez.

Figura 34 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Logo após vemos Eric optando por uma roupa, conforme a imagem a seguir, a mesma em tons sóbrios e terrosos, sem cores vibrantes como era de seu costume usar. Acreditamos que neste momento houve a primeira mudança do personagem, onde o mesmo optou por não utilizar suas roupas com estampas coloridas, e passou a usar roupas neutras. Reforçamos este argumento baseados no que já apresentamos quanto à constituição da identidade, que elenca o consumo como forma de manifestação Identitária.

Figura 35 - Cena da série *Sex Education*

Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Podemos ainda trazer a heteronormatividade como pano de fundo para esta discussão, compreendendo que Eric, independentemente de sua sexualidade, estaria optando por agir de acordo com a norma para assim ser socialmente aceito. Pois de acordo com Colling (2015) a heteronormatividade controla os comportamentos do sujeito de acordo com seu sexo, logo Eric tendo uma genitália masculina, o mesmo ao querer se encaixar na norma, deve assumir o papel de masculinidade.

Podemos elencar também como razão para tal mudança do personagem a não aceitação, e discriminação, do mesmo no episódio anterior, fixado pela diferença, dado que o mesmo foi identificado como LGBT por seu vestuário. Outro motivo que podemos elencar como contribuinte para tal escolha seria as frequentes situações de *bullying* que o personagem sofria em sua escola, por sua identidade LGBT e negra.

Partindo dessa percepção, poderíamos elencar que Eric tenha tomado a decisão de se vestir de forma mais heteronormativa buscando ser socialmente aceito, conseqüentemente parando de sofrer tais violências e desaprovações. Tal situação pode ser configurada como importante para a trama também pelo fato de Eric ter uma drástica mudança a ponto de olhar para as roupas que muito usava e que tanto lhe agradavam com olhar de repulsa e desagrado.

Como já apresentamos em nosso referencial, a heteronormatividade é sutilmente afirmada na sociedade até o ponto em que a mesma é vista como correta e única. Podemos ver tal ser exemplificada neste momento, fazendo com que até mesmo o personagem que não era heteronormativo comece a acreditar que a melhor opção é sê-lo.

Vemos ainda na cena Eric, em frente ao espelho, encarar a roupa que havia previamente escolhido, e as suas expressões faciais afirmam de forma consistente a sua desaprovação por ela. Além de desaprovação, podemos ainda enxergar certa tristeza e por vezes desgosto do mesmo pela vestimenta. Isto pode ser afirmado ainda na sequência, onde é possível ver o mesmo já vestido em frente ao espelho, olhando para si mesmo com expressão que evidentemente demonstram desânimo.

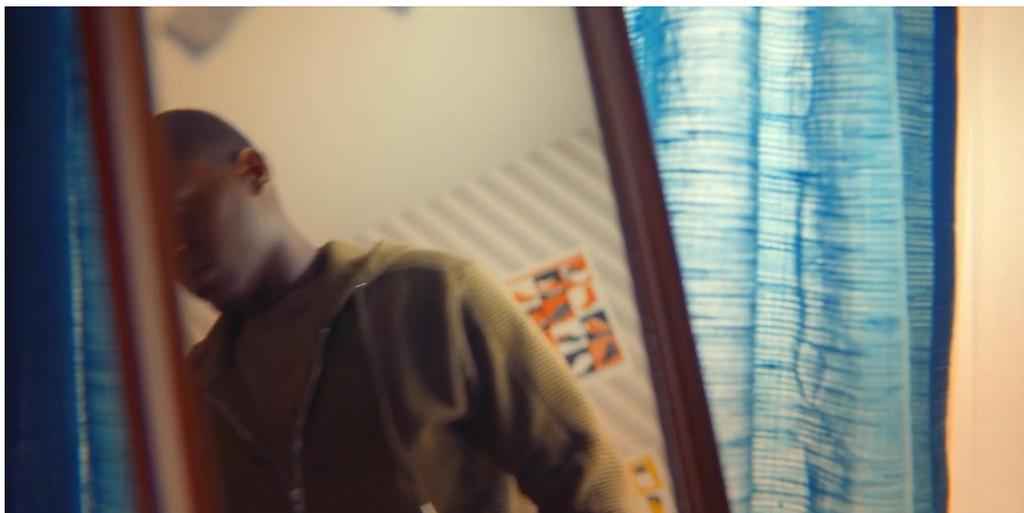
Figura 36 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Logo, encontramos Eric desaprovando não apenas suas antigas vestimentas, como também, sua nova escolha de figurino, fazendo com que seja perceptível a sua não validação identitária nem em um conjunto de roupas, nem em outro. Pontuando ainda que a opção pelo uso de roupas coloridas eram, até então, um caminho de afirmação de sua identidade. E por último, outro ponto que elencamos, foi a ação simbólica em que o Eric fez posterior a se enxergar no espelho, no qual sai de cena negando o que ali ele visualiza.

Figura 37 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Tendo em vista que o consumo e o corpo são *locus* de manifestação da identidade, podemos então afirmar, analisando os elementos simbólicos, que Eric neste momento abre mão de sua própria identidade. Afirmamos isto tendo como referência 3 pontos: seu figurino no final da cena; suas expressões ao vestir-se; e ainda ao processo de escolha de suas roupas.

3.5.2. A INSPIRAÇÃO.

Passamos então para a análise da segunda cena escolhida, assim como na anterior, façamos uma breve contextualização sobre o que antecede a cena em questão. Posterior a cena em que Eric troca de roupa, assumindo um novo visual, vemos uma mudança drástica na construção do personagem na trama. Tal mudança opera não apenas em seu âmbito visual, mas também em valores intangíveis do personagem, como sua personalidade, seu humor e a sua maneira de lidar com outrem.

Figura 38 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Eric passa então a ser um personagem mais explosivo, com semblante fechado, como podemos observar na imagem acima, agindo também sem comportamentos díspares do padrão heteronormativo. Evitando contato com outros personagens, Eric passa a ser uma pessoa tímida e solitária. A cena em questão demonstra uma das poucas interações que o mesmo tem com outros personagens desde sua mudança.

Partimos já para o primeiro ponto, que consideramos simbólico na cena, que seria a retração de Eric ao perceber uma aproximação de um automóvel. Por meio da categoria de análise de **atuação**, vemos então o mesmo que caminhava normalmente, parar com cara de espanto e diminuindo sua velocidade. Acreditamos que neste momento, a trama nos indica certo trauma, demonstrando que o personagem ainda teme situações de violência, dado o caso de homofobia que sofreu previamente. Isto reforça ainda, o que elencamos na cena da “Perda” como motivo da mudança do personagem, validando seu medo mediante a ações de outras pessoas. No momento em questão a cena se encontra em um plano fechado, validando a intenção dos produtores, em deixar evidente tal reação de Eric à aproximação do automóvel.

Figura 39 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Posteriormente, assim como mostrado na imagem acima, na cena vemos Eric se aproximando do carro, para dar informação ao sujeito, até então desconhecido. Neste momento percebemos, por meio da **atuação**, que Eric estava fazendo tal ação de forma um tanto quanto automática, dado que o mesmo representou estar pensando na pergunta de Rydel enquanto se aproximava do carro. Entretanto, ao se aproximar do carro, e ao direcionar seu olhar pela primeira vez ao novo personagem, Eric encontra-se em espanto, como se estivesse enxergando algo inédito em sua trajetória de vida.

Figura 40 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Rydel percebe o olhar de estranhamento do garoto, que para ele era desconhecido, e fica com expressões de dúvida. Ao responder Rydel, ainda processando algum pensamento, Eric termina a função para qual foi chamado,

deixando-os livres para continuarem suas rotas, entretanto, vemos por meio da análise do **diálogo** o que pode-se inferir ser a razão do espanto do garoto. Ao falar das unhas de Rydel, elogiando-as, juntamente com sua expressão facial de admiração, Eric nos deixa evidente dada apreciação pelo estilo do novo personagem. Fazendo isto Eric demonstra também o gosto compartilhado por aquele estilo, dizendo-nos muito mais sobre sua própria identidade, do que sobre a de Rydel.

Voltando para a perspectiva da **atuação**, um ponto que pode ser dado como simbólico nesta cena são as expressões faciais de Eric que indicam seu humor, nas quais é possível perceber, no rosto do personagem um semblante aberto e sorridente, validando sua alegria naquela situação. Este índice se faz pertinente dado a sua importância na construção da trama de Eric, pois, desde sua mudança de vestuário, o mesmo não havia demonstrado expressões de felicidade e satisfação, fazendo com que aquele momento fosse um indício de mudança.

Figura 41 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Se faz pertinente ressaltar que na trama existiam outros personagens LGBTs, entretanto, tirando Eric, Rydel seria o único também negro. Lembramos neste momento, assim como já elencamos em nosso percurso teórico, a importância da referência para a construção da identidade, no qual a existência de outro indivíduo que compartilhe traços identitários, gere dada validação ao sujeito. Para além do surgimento, na trama, de outro personagem negro LGBT, ressaltamos que Rydel também apresenta outro artifício que valida sua aprovação social, que seria sua boa condição financeira, dado que o mesmo aparece com roupas de marca e um carro de luxo.

Percebemos, tomando como categoria de análise o **diálogo**, que Rydel, além de agradecer pelo elogio recebido, oferece a Eric uma sugestão quanto a pintura das unhas: - Obrigado, garoto. Quer um conselho? Aposte nos tons de pedras preciosas. Neste momento, o sujeito o qual Eric admira lhe diz, indiretamente, que assumir tal identidade não é errado, como se diz a heteronormatividade, mas sim algo natural e estético. Tal fala se posiciona em um maior status de aprovação por Eric, dado a posição social de Rydel e também a sua semelhança identitária ao personagem.

Figura 42 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Tal sugestão inferida por Rydel acentua as expressões de Eric, demonstrando ainda sua apreciação por aquela conversa. Podemos ainda ver, que dado o baixo nível de interação que o personagem estava tendo previamente na trama, aquela situação se demonstrou contrastante, pois ao abrir seu semblante com o decorrer da conversa, Eric demonstrou estar confortável naquela interação. A cena em questão deixa ainda um questionamento elementar para a trama, que podemos ver ser respondido posteriormente na trama: Eric teria encontrado uma identidade de referência? Teria ele encontrado uma referência quanto a sua identidade LGBT?

3.5.3. O EMPODERAMENTO.

Seguimos então as análises, iniciando a terceira e última cena escolhida, que acreditamos responder a pergunta feita no final do item anterior. A cena retrata a chegada de Eric ao colégio em que estuda, indo em direção a entrada principal, a qual dá passagem para a festa de formatura, que está ali ocorrendo. Neste momento

vemos uma versão de Eric diferente das já vistas antes, tanto em construção de personagem como em vestuário.

Figura 43 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Outro ponto que é interessante ressaltar no momento, tendo por fim uma maior ambientação a trama, é o fato de Eric sofrer frequentemente com discriminações homofóbicas e racistas vindas de Adam, o outro personagem presente nesta cena. Desde o início da série, vemos situações de *bullying* sofridas por Eric, e ainda sua passividade, impotência e amedrontamento mediante ao agressor.

Aproveitando então tal conclusão, partimos para analisar a cena pela categoria de análise que se atenta ao **figurino**. Podemos ver Eric na cena com um vestuário diferente, tanto das roupas em tonalidades neutras que vinha vestindo, como das que vestia no início da série. O vemos vestido com um conjunto, estampado com cores vibrantes, um turbante na cabeça e ainda com uma maquiagem que acompanha a harmonia de cores da roupa.

Dentro dessa caracterização podemos ainda inferir sobre alguns aspectos visuais que afirmam a identidade de Eric. O primeiro seria a estampa de suas roupas, que além de cores diversas, traz também uma alusão às roupas utilizadas em sua igreja, que por sua vez, eram de matriz africana. Neste momento podemos então perceber a influência do fator de descendência histórica na materialização da identidade do personagem.

Isto se afirma também ao analisarmos o turbante, utilizado por Eric, que reforça mais a afrodescendência em seu traje, logo, em sua identidade. Lembramos que o acessório é um elemento usual e típico dos povos africanos, e pode apresentar

diversos significados, e que o mesmo muito é visto atualmente como forma de afirmação e orgulho identitário de pessoas negras. Segundo o site da marca #todecacho o turbante é utilizado de diversas formas por diversas culturas, mas que se encontra muito presente nas de matrizes africanas:

Já na África os turbantes são elementos estruturais da cultura que carregam um significado em cada tipo de amarração diferente. Nas religiões presentes no continente, o uso do Ojá, um tipo de turbante específico, além de representar aspectos culturais e estéticos daquele povo, também possui função social e religiosa, podendo apresentar as mais diversas cores e estampas, cada uma delas representando significados diversos e profundos. Nestes casos, o uso do turbante na cabeça não é por acaso, isso porque tem a função de proteger a cabeça e a mente, fonte de pensamentos e cultivo da fé. (Acesso em 20 de novembro de 2019)

Vemos também o personagem utilizando outros acessórios, que desvinculam o do modelo heteronormativo, como por exemplo anéis diversos, brincos e maquiagem. Afirmando ainda a sua inspiração em Rydel, se faz possível enxergar suas unhas pintadas, com tonalidades direcionadas ao dourado, assim como lhe foi recomendado.

Lembramos ainda que assim como a maquiagem, as unhas pintadas representam dado fator simbólico em sua afirmação identitária, pois materializam uma real disparidade com a norma heterossexual masculina de comportamento e vestuário, dizendo então, muito sobre sua identidade LGBT. Pontuando ainda que, Eric não era declaradamente LGBT para sua família, ao se apresentar desta forma, o mesmo disse-os, por meios dos índices, sobre sua sexualidade, afirmando novamente a importância simbólica do vestuário.

Figura 44 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Percebemos ainda, agora entrando na categoria de **atuação**, que Eric anda com mais confiança, dado sua expressão corporal e postura, como podemos ver na imagem a seguir. O personagem, não demonstra insegurança em seu caminhar, andando de cabeça erguida e com passos largos. Introduzindo em paralelo a esta, no âmbito dos **diálogos**, vemos que sua tonalidade de voz ao se direcionar a Adam é grave e consistente, não demonstrando quedas vocais, logo, hesitação.

Figura 45 - Cena da série *Sex Education*



Fonte: *Sex Education*. Netflix. (2019)

Em sua conversa com Adam, encontramos alguns índices simbólicos, que nos permitem identificar e inferir algumas percepções. A primeira, se direciona aos comentários homofóbicos e discriminatórios ditos por Adam no início do diálogo, que por sua vez buscam intimidar Eric, assim como era feito desde o início da trama. Tais comentários contam também com uma ameaça de morte, que podemos pensar como uma metáfora, indicando certa violência. Entretanto, tal tentativa de amedrontamento não funcionou. Pois como já mencionamos, Eric estava seguro e resistente aos insultos recebidos.

Outro ponto, complementar ao que mencionamos acima é a resposta de Eric a Adam, que demonstra um confronto nunca antes visto na série entre os personagens. O personagem questiona seu agressor perguntando-o quando será a agressão, dizendo ainda estar preparado, demonstrando, ineditamente, a ausência de medo para com a violência.

Em complemento a esta resposta vemos Adam ficar desconfortável, não sabendo o que responder de imediato, talvez dado a ele não estar esperando por tal retorno. Tanto que quando confrontado, não excedeu a violência física ou verbal,

apenas manteve sua posição afirmando sua ameaça. Vimos neste momento a vítima negando a violência por meio do confronto, e o agressor se tornando impotente mediante a situação.

No **diálogo**, em específico nas falas de Eric, se afirma o que mencionamos previamente sobre a sua segurança e confiança naquele momento. Isto pode ser percebido na sua resposta a Adam como também na sua finalização, que pontua sua satisfação pelo silêncio de Adam. Podemos ainda, com base na **atuação** reforçar tal afirmação, dado que, antes de se retirar da cena, Eric olha Adam de cima a baixo, induzindo seu sentimento de superiorização naquele momento.

Podemos então finalizar mencionando que neste momento Eric constituiu uma identidade a qual tem confiança, identificação e aceitação. Podemos afirmar isto por meio da investigação de um conjunto narrativo formado por suas manifestações expressivas, diálogos e vestuário.

Finalizando assim as análises, elencamos alguns pontos observados nas cenas, que nos permitem refletir sobre a construção da trama enquanto representação LGBT. Inicialmente podemos citar o espaço dentro da obra *Sex Education* destinado, não somente a Eric, mas também a sua linha dramática.

Podemos ver em diversos momentos que, indiferente do que ocorre na trama do protagonista, o bloco narrativo de Eric acontece e ganha considerável destaque na série. Tendo em vista que, diferente de outras produções como novelas ou programas de TV, tal fator não se moldou ao que o público suplicava em tempo real, mas sim fora escrito independente da recepção do personagem pelos espectadores.

Dito isto podemos então inferir que a representação do processo de descoberta identitária de Eric foi pensada e escrita para que o mesmo ganhasse destaque como personagem LGBT, e ainda que passasse ao público dada percepção sobre sua trama. Ao concluirmos isso, percebemos que o caminho que fazemos neste trabalho é desvendar algo que está ali posto, e que teve desde seu surgimento, dada significação posta. Isto afirma ainda que, não estamos analisando uma representação abstrata que, por sua vez causou dado significado, mas sim, uma representação que desde sua produção objetivava determinada recepção.

Percebemos também que há significativa atenção, do roteiro da série, em apresentar, complexificar e desenvolver o personagem Eric, ao decorrer da série. Podemos ver isto na transição de abordagem narrativa que o mesmo teve a partir do caso de agressão que o mesmo sofreu, onde anteriormente era representado com um

tom humorístico, e posterior a cena da Perda, passou a ter um enfoque dramático. Dada todo o esforço que os produtores da série investiram no personagem em questão, conclui-se considerável importância para a trama.

E por fim, outro ponto que consideramos pertinente em nosso recorte de *Sex Education* é a forma como a série retrata um processo em representatividade impulsiona o autoconhecimento. Partindo do entendimento de que esta se constitui em se identificar com determinada identidade. Tal processo acontece a partir do momento que Eric, que está sofrendo com a falta de referências na construção de sua identidade, conhece um indivíduo que partilha de seus traços identitários e conseqüentemente, o representa e inspira.

A representatividade enquanto ferramenta de identificação e reconhecimento é inserida de forma um tanto quanto ilustrativa dentro da série, mostrando todas suas etapas. Etapas estas que elencamos e discorremos sobre no item a seguir, as considerações finais.

Considerações finais

Tendo em vista que esta pesquisa acadêmica objetiva compreender como se constrói a representação da identidade LGBT na trama da Série *Sex Education*, da Netflix, a partir do personagem Eric, elaboramos um referencial teórico, com base em conceitos e reflexões apresentadas pelos autores, a fim de analisar de forma mais crítica nosso objetivo de estudo. Sendo assim, dividimos nossa discussão teórica em dois capítulos, sendo o primeiro destinado a entender como se constitui conceitos como representação, identidade, cultura, corpo, grupos de centro e grupos de margem. E o segundo destinado, juntamente aos conceitos previamente apresentados, criar concepções sobre heteronormatividade, discriminação e representatividade do sujeito LGBT nos produtos comunicacionais.

Tendo feito isso, partimos, com base nos conceitos e discussões elencados, para uma decupagem e análise do nosso objeto de estudo, que se dividiu em 3 categorias analíticas que elencamos como simbolicamente pertinentes: O figurino, os diálogos e a atuação. Partindo destes pontos, conseguimos direcionar nossos olhares a índices simbólicos que nos permitiram construir reflexões sobre como é construída a representação LGBT na série *Sex Education*.

Concluimos com este trabalho que a forma com a qual a Netflix construiu a representação de Eric, como personagem LGBT, se constituiu em 4 etapas, sendo elas: A **identidade perdida**, o **processo de referência**, a **construção e aceitação identitária** e por último o **empoderamento e a afirmação da identidade**.

Quando nos deparamos com a primeira cena selecionada, temos uma gama de fatores que a potencializam simbolicamente, como por exemplo a mudança na linha narrativa de Eric, que até aquele momento tinha se constituído de dada forma, e passou a ser apresentada de outra, naquele momento. Ao inverter tal, a trama causa no espectador certo estranhamento. Isto, pode ainda, ser inferido como motivo para concluir a importância de Eric para a trama da série, dado que se destina um esforço narrativo para construí-lo, e posteriormente, um esforço para o transverter.

Compreendemos então que na primeira cena se encontra a primeira etapa da representação, onde nos deparamos com Eric, que até aquele momento constituía uma identidade baseada nos comportamentos e estilos LGBTs, e devido às situações enfrentadas pelo mesmo, passou a assumir outra identidade. Esta segunda “versão” do personagem nos apresenta também algumas características que se assemelham

ao perfil citado nas discussões sobre heteronormatividade de Colling (2015) e Junqueira (2015).

Podemos afirmar isto dado a alguns fatores que constituem um sujeito heteronormativo, como por exemplo, roupas casuais, tonalidades neutras, comportamentos pouco expressivos, atenuação na agressividade, expressão corporal séria, etc. Estes fatores colidem com a nova identidade heteronormativa de Eric, que por sua vez se baseiam em sua genitália. Eric sendo pertencente ao sexo masculino, a norma social que toma como base (a heterossexualidade) o induz a se basear na masculinidade.

Lembramos também que ao optar por esta escolha, para não sofrer mais violências, Eric busca, sendo sujeito do grupo de margem, de acordo com os textos de Louro (2003), criar mecanismos que o façam se aproximar do centro, como o de se portar como homem heterossexual. Poderíamos ainda dizer, que o que levou Eric a tomar tal decisão, não tenha sido apenas o caso de homofobia que o mesmo sofreu na série, mas também diversas violências que o mesmo sofreu durante sua vida, que vemos em um pequeno recorte na trama.

Um destes motivos poderia ser as frequentes situações de *bullying* que o personagem sofria no seu ambiente escolar, os quais eram silenciados ou invisíveis para a instituição em questão. Campos (2013) argumenta que muito se discute sobre a frequência das violências cometidas contra estes grupos, e ainda que esta regularidade cria uma naturalização de tais agressões:

Muitos autores abordaram a questão da banalização da violência e torna-se urgente pensar na possibilidade de identificar pequenas coisas que ao serem interiorizadas vão marcando, tangendo como “ferro no lombo do burro” as identidades, os percursos (p. 82).

Eric materializa na série um medo compartilhado por sujeitos que assumem a identidade LGBT, de se vestir com roupas que lhe representam, mas que também podem induzir discriminações e agressões. Se vestir dentro da norma heteronormativa se torna a saída para tais indivíduos, dado que traços, comportamentos e manifestações que se apresentem díspares do padrão são julgadas e ridicularizadas pela sociedade. Apresentando ainda riscos de sofrerem agressões físicas ou ainda morte por suas identidades, afirmando que, infelizmente, em nossa sociedade, existem “trajes para apanhar”, e um deles é a identidade LGBT.

O personagem é também representado, enquanto interagindo com seu guarda-roupas, confrontando sua identidade, demonstrando expressões que induzam sua interpretação da mesma como incorreta. Podemos ligar isto ao que Junqueira (2015) traz em seu texto quando se refere à naturalização dos padrões heteronormativos na sociedade, que se internalizam no sujeito, se tornando verdades incontestáveis.

Logo, a partir do momento que Eric nega vestir roupas que lhe representam, buscando ainda se portar dentro do padrão heterossexual, o mesmo exemplifica o processo citado por Junqueira (2015). Ao fazer isto o mesmo abre mão da própria identidade, findando a primeira etapa da representação do personagem.

A segunda etapa pontua um importante processo percorrido por Eric, sendo este a coleta e interpretação de referência identitárias, que por sua vez foi-se dada em dois âmbitos da construção da identidade: A de descendência histórica, e a de consumo. Categorização esta que elencamos a partir dos aspectos constitutivos apresentados por Hall (2000). A referência dada pela descendência se deu pela visita de Eric à igreja que seus pais frequentam, que possui por sua vez, características visuais dos traços afrodescendentes. Tal fator pode ser elencado como importante para o etapa de aceitação que trataremos posteriormente.

Entretanto, neste trabalho nos atentamos a analisar e expor a referência direcionada ao consumo, pois acreditamos estar ligado diretamente com a representação. Deixamos dito neste momento, que ao tratarmos de consumo, estamos nos direcionando aos figurinos utilizados na trama, com todos seus aspectos visuais e simbólicos.

Dito isto, podemos então compreender a importância da segunda cena para dois processos de constituição identitária do personagem Eric: A validação da identidade LGBT, apresentada indiretamente por Rydel, que o faz manifestando-se como sujeito excêntrico e ainda aceito socialmente; e a descoberta, de outro indivíduo que compartilha de seus traços identitários, fornecendo inspiração para constituir sua própria identidade. Tal afirmação evidencia a forma com a qual surge a representatividade, na qual ocorre quando dado sujeito encontra reconhecimento identitário em outro indivíduo, que por sua vez, afirma sua existência e valida sua autenticidade.

Neste momento, afirma-se ainda a importância da representação de personagens LGBTs nos produtos comunicacionais, servindo por sua vez como referências para jovens que não encontram-se representados em outros espaços da

sociedade. Inserir sujeitos LGBTs em conteúdos veiculados nos meios de comunicação, se torna uma forma de dizer a jovens que contestam diariamente suas identidades, que não são eles(as) anomalias ou impróprios, mas sim pessoas, que como quaisquer outras, contam com individualidades.

A terceira etapa ocorre no momento que Eric, toma por escolha ir ao baile com um figurino que afirma sua identidade LGBT. Lembramos ainda que esta etapa se resulta da anterior, onde o personagem faz um apanhado de elementos que lhe constituem, para assim, criar sua manifestação identitária. Sendo assim, Eric opta por utilizar elementos que vão em disparidade com a norma heterossexual.

Citamos, por exemplo, a utilização de maquiagem pelo personagem, elemento que, segundo a heteronormatividade, é destinado apenas a indivíduos que contenham a genitália feminina, não sendo o caso de Eric. Ao fazer isto, o mesmo fornece índices para que a opinião social o identifique como LGBT, sendo então uma forma de manifestação de sua identidade.

É importante ressaltar também as expressões do personagem enquanto portador de nova identidade, que indicia, ao público, satisfação e aceitação. Ao momento que isto se faz perceptível, também nos permite inferir que o mesmo encontra-se feliz e realizado.

A partir disto surge a quarta e última etapa, a qual percebemos na construção do empoderamento de Eric, que se finda no momento em que sua nova identidade é contestada. Lembramos ainda que tal contestação é efetuada por meio de violência verbal e psicológica, vinda de outro personagem que usualmente o confrontava por ser negro e LGBT. Isto faz-se importante ressaltar, pois, tal fator, foi elencado como motivador para que Eric abrisse mão de sua identidade, logo, ao ser também o elemento que o faz se empoderar, finaliza um ciclo dentro da trama.

Percebemos então, no momento em que Eric é discriminado pela sua identidade, dada maturidade e resistência do personagem quanto às agressões. Tal ação é ainda, marcada por uma confiança e segurança nunca vista no personagem durante a trama. Eric não somente afirma sua identidade, ignorando os insultos efetuados por Adam, como também confronta seu agressor, o deixando em posição de impotência.

Ao fazer isto Eric mostra ao público, não somente que amadureceu enquanto personagem, mas também que encontrou em si, uma “armadura” forjada em confiança e aceitação. Não conseguimos neste momento enxergar o personagem que nos fora

posto no começo da trama, com seus medos e hesitações, mas sim um jovem LGBT que tem orgulho de ser quem é, e que vai enfrentar todos seus futuros obstáculos de “cabeça erguida”, assim como visto na cena analisada.

Deixando dito que a representatividade é responsável por proporcionar ao sujeito uma sensação de pertencimento, findamos ainda que tal é posta à trama em duas vertentes: Na narrativa e no consumo. Afirmamos isso pois, como já apresentamos, existe, dentro de *Sex Education*, um processo de identificação, dentro da linha narrativa de Eric. Podemos ver isto tendo como base a presença de Rydel na trama, que serve como referência para Eric.

E para além da representatividade ilustrada na trama, podemos ver ainda, que ao inserir um personagem LGBT dentro da narrativa, estão conseqüentemente motivando, sujeitos que se identificam com a representação posta, à suas respectivas aceitações e empoderamentos. Logo, o conteúdo da série que já levanta a discussão sobre identidade e representação em sua trama, acaba por se tornar socialmente consciente em seus conteúdos.

E para concluir nossas reflexões, podemos fazer um resgate narrativo, em *Sex Education*, apresentando a preocupação de Eric, desde seu surgimento, com a sua aceitação social dentro do colégio em que estudava. Podemos inferir que, ao decorrer da trama o mesmo encontrou o que procurava, que no caso era pertencer àquele espaço. Entretanto, não o conseguiu buscando aprovação de outros que o rodeavam, mas sim, permitindo conhecer sua própria identidade e a aceitando como realmente é.

Logo, concluímos com este trabalho, a importância de nós, enquanto comunicadores, ao produzirmos conteúdos que atingirão públicos diversos, refletirmos não somente sobre os objetivos mercadológicos de nossos trabalhos, mas também o valor destes para a construção identitária, social e emocional de diversos “Eric”s que os consomem.

REFERÊNCIAS

BERTE, O. & TOURINHO, Irene. **Entre Madonas virgens e eróticas: Corpo imagem e afetos como investimentos das pedagogias culturais**. IN: TOURINHO, Irene & MARTINS, Raimundo. Pedagogias culturais. Santa Maria: es ufsm, 2014.

BESSA, Karla. **A teoria queer e os desafios às molduras do olhar**. Dossiê: Teoria Queer. Revista Cult. 2014.

CAMPOS, Flávio de. **Roteiro de cinema e televisão: A arte técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CAMPOS, Maria Teresa de Arruda. **Tá rindo de quem? O negro e o gay como motivos de piadas**. Tese de doutorado, Campinas, 2013.

COLLING, Leandro. **O que perdemos com os preconceitos?** Dossiê: Ditadura heteronormativa. Revista Cult. 2015.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A produção cultural do corpo**. Publicado em: Corpo, gênero e sexualidade, 9ª edição, Editora Vozes, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. RJ: L&PM, 2000.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Pedagogia do armário**. Dossiê: Ditadura heteronormativa. Revista Cult. 2015.

KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan. **Marketing 4.0: Do tradicional ao digital**. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

IRIBURE, André. **As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira: um olhar contemporâneo das últimas três décadas**. Tese de doutorado, UFRGS, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **O normal, o diferente e o excêntrico**. Publicado em: Corpo, gênero e sexualidade, 9ª edição, Editora Vozes, 2003.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

MISKOLCI, Richard. **Crítica a hegemonia heterossexual**. Dossiê: Teoria Queer. Revista Cult. 2014.

PINHO, Osmundo. **Qual é a identidade do homem negro?**. Espaço aberto, 2004.

ROSE, Diana. **Análise de imagens em movimento**. In: BAUER, Marin e GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTI, Heloise Chierentin. SANTI, Vilso Junior Chierentin. **Stuart Hall e o trabalho das representações**. Revista Anagrama. Ano 2 - Edição 1, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu (org). HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.